

TEATRO

# **PÁTRIA AMADA, BRASIL!**

**Antônio Roberto Gerin**

(26.08.2008)

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o n. 764.198*

*Personagens*

Wescley Santos	<i>(Atleta, velocista.)</i>
Marcinho Kaufmann	<i>(Representante do Comitê)</i>
Shirley	<i>(Diarista)</i>
Horácio	<i>(Jornaleiro)</i>

*(Garagem mal iluminada. Pódio olímpico e, um pouco mais atrás, uma corda esticada onde estão penduradas, além de duas bandeiras americanas que representam o país dos atletas que supostamente ganharão prata e bronze, roupas recém-lavadas. Há ainda um velho aparelho de som, uma cadeira e, no chão, jogados e espalhados, jornais mal folheados. E alguns objetos não definidos.)*

**ATO I****CENA I**

**WESCLEY** *(Entra trazendo uma bandeira do Brasil. Depara-se com o varal cheio de roupas. O lugar ao meio, onde ele pretendia pendurar a bandeira do Brasil, está ocupado por peças de roupas, num amontoado confuso.) - Puta que pariu! Quantas vezes eu já falei pra teimosa da Shirley. Isso não é um varal! (Volta-se.) Shirley! (Saindo.) Shirley! (Silêncio. Fora.)*

Shirley...! *(Volta e, decidido e irritado, põe-se a recolher as roupas do varal, enquanto resmunga. Deixa apenas as bandeiras americanas.)* Aposto que foi na padaria. Nunca vi fazer tanta coisa nessa padaria! *(Sai com as roupas e logo volta, de mãos vazias. Pendura a bandeira do Brasil no varal, confere, com insistência, se a pendurou simetricamente no lugar correto, ao centro. Está agitado, incomodado com a intromissão da Shirley. Prepara-se para subir no pódio. Sobe na plataforma do ouro. Inseguro e apreensivo, posiciona-se no centro, os pés juntos. Braços caídos e tensos ao longo do corpo. Começa a cantar o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... / De um povo heroico... *(Impaciente, posiciona a mão direita no peito e recomeça.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... / De um povo heroico... *(Para. O descontrole aumenta. Recomeça, agora levando a mão esquerda ao peito.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... *(Desce, rápido e furtivo, para a plataforma da prata.)* o brado retumbante, / E o sol da *(Sobe para plataforma do ouro.)* liberdade em raios fúl... fuúl... *(Desce para a plataforma da prata.)* ...gidos, / Brilhou no céu da pátria neste instante. / *(Sobe para a plataforma do ouro.)* Seu penhoor... *(Desce para a plataforma da prata e canta a plenos pulmões.)* dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte! / *(Sobe para a plataforma do ouro. Empolgado.)* O pátria amada... Ó pátria amada... Droga! *(Pula do pódio, irritado.)* Droga, droga! O que é que está acontecendo com você, Wesley Santos? Que merda é essa? *(Acalma-se. Conversando consigo, carinhoso, posiciona-se junto à plataforma do ouro.)* Vamos de novo. Lembre-se. Não podemos desistir. *(Sobe na plataforma do ouro. Enquanto se posiciona, tenta se acalmar, dando-se orientações.)* É só imaginar que você acabou de ganhar a medalha de ouro. Ouro inédito! *(Bate com um dos pés no pódio.)* Agora você está no pódio. *(Bate a mão no peito.)* Medalha no peito. Estádio cheio, as câmeras, flashes, o Brasil na frente da tevê... Os *shoppings*, as tevês das lojas, tudo apinhado de gente pra te ver cantar o hino. O que é que você tem que fazer? Cantar o mesmo hino que você canta desde criancinha, na fila do colégio! *(Pausa. Preparando-se para*

*recomeçar.) O que é que o doutor Kaufmann diz? (Imitando.) Você é o nosso sabiá verde-amarelo, campeão! (Brabo.) Então, porra, qual o problema? (Acalma-se, voz carinhosa.) Vamos lá? (Vai até o aparelho de som, tem dificuldade de iniciar a melodia do hino nacional. Não funciona, desiste, volta à posição do ouro. Sério.) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico... (Irrita-se.) Merda! (Pula para o chão e dispara a cantar.) o brado retumbante, / E o sol da liberdade em raios fúlgidos, / Brilhou no céu da pátria nesse instante. / Seu penhor - Aí, cara! - dessa igualdade, conseguimos conquistar com braço forte, / - no embalo, Wescley! - (Pula para a plataforma do ouro.) / Em teu seio, ó liberdade... (Mais forte.) Ó liberdade... Vamos lá, sabiá verde-amarelo! (Estapeia-se no peito.) Ó liberdade... (Para. Olha em volta, como se procurasse algo.) O buquê de flores... (Desce.) Cadê o buquê? (Enquanto procura.) Não vai me dizer que a intrometida da Shirley mexeu de novo no meu buquê! Eu já disse pra não entrar na garagem. Esse lugar é meu, só meu! (Encontra finalmente um pequeno balde vermelho, de plástico. Volta para a plataforma do ouro. Perde tempo ajeitando o balde, de lado, junto ao peito, ao estilo dos vencedores olímpicos. Respira fundo, olha para o alto e para o nada, como se contemplasse o público presente no estádio. Depois desce e vai ligar o som. Não funciona, irrita-se, chuta o aparelho, volta para a mesma posição, o balde posicionado à altura da barriga.) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / de um povo heroico... (Vacila, desce imediatamente para a plataforma da prata.) brado retumbante! / (Sobe para a plataforma do ouro.) E o sol da liberdade em raios fuúl... (Desce para a plataforma da prata.) ...gidos! / (Relaxado, põe-se a cantar na plataforma da prata.) / Brilhou no céu da pátria nesse instante. / Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte! / (Sorri, feliz.) Ó Pátria Amada, idolatrada, Salve! Salve!*

**CENA II**

- HORÁCIO *(Sem entrar, atira o jornal. Sotaque português.)* - Notícia fresca, sabiá de altíssimo rendimento. Pega aí o jornal. Tu saiu na foto parecendo um chipanzé!
- WESCLEY *(Sai, apressado.)* - Vem cá. Espera! Eu preciso falar com você!
- HORÁCIO Eu tenho mais o que fazer, sabiá amarelão.
- WESCLEY *(Entra. Resmunga, enquanto, visivelmente nervoso, procura a notícia no jornal.)* - Jornaleiro português filho da puta...

**CENA III**

*(Instante seguinte. Wescley depara-se com sua foto no jornal. Desconcerta-se.)*

- MARCINHO Campeão... *(Entra. Wescley olha para ele, desprotegido e assustado, o jornal nas mãos.)* Que cara é essa, campeão?
- WESCLEY *(Apontando o jornal.)* - O que é que eu estou fazendo aqui?
- MARCINHO Vai dizer que não gostou da foto.
- WESCLEY Eu saí de boca aberta!
- MARCINHO Qual é o problema?
- WESCLEY Eu estou parecendo um idiota.
- MARCINHO *(Fingindo consultar o jornal. Conclusivo.)* - Está ótima.
- WESCLEY *(Desespera-se.)* - Com essa cara de chipanzé!

- MARCINHO      Você está comendo e rindo, só isso. O pedaço do sanduíche está saindo da boca? E daí? Quer pose mais natural que essa?
- WESCLEY        Quem mandou essa porra pro jornal?
- MARCINHO      (*Ofendido.*) - A reportagem é sobre o Comitê Olímpico Brasileiro.
- WESCLEY        Então, o que é que eu estou fazendo aqui?
- MARCINHO      Você é nossa principal estatística.
- WESCLEY        O principal idiota, o senhor quer dizer.
- MARCINHO      (*Tentando temporizar.*) - Todo mundo come de boca aberta.
- WESCLEY        Eu não!
- MARCINHO      (*Pega o jornal, observa a foto. Tom paternal.*) - Campeão... Olha que foto expressiva! O homem Wescley, faminto, desprotegido. Pra foto ficar perfeita, só precisava faltar um dente.
- WESCLEY        Eu não tenho cara de pobre!
- MARCINHO      Onde você nasceu?
- WESCLEY        Eu assistia ao programa da Xuxa, eu sempre tive um bom par de tênis. Eu comia iogurte!
- MARCINHO      Você nasceu numa favela.
- WESCLEY        Isso não interessa!
- MARCINHO      Interessa. (*Enfatizando a palavra "só".*) Só interessa, campeão. Agora que você vai ganhar o ouro, tudo sobre você vai virar manchete.
- WESCLEY        (*Descontrolado.*) - Por que atleta tem que ser um fodido na vida?
- MARCINHO      Por que é bonito. Comove. Você é um genuíno representante do povo brasileiro!

- WESCLEY Eu não represento porra nenhuma! Muito menos o povo brasileiro!
- MARCINHO Campeão, que a imprensa não ouça o que você está dizendo.
- WESCLEY Como, durmo, mijo como todo mundo. O que é que eu represento?
- MARCINHO Vai me dizer que você não gosta da fama?
- WESCLEY Dessa fama? Muito obrigado.
- MARCINHO Gostando ou não, você vai ter que abrir o livro da sua vida pra imprensa. O povo vai querer saber tudo sobre você. Quem é esse Wesley Santos? *(Passa o dedo no olho do Wesley. Censura.)* Está seco, campeão.
- WESCLEY Eu ainda não comecei o treino.
- MARCINHO Eu ouvi você cantar o hino quando eu estava chegando.
- WESCLEY Era só aquecimento.
- MARCINHO Aquilo era aquecimento? Você quase me fez chorar na rua! *(Sério, com ar preocupado. Desconfiado.)* Campeão, você não está conseguindo chorar...?
- WESCLEY *(Esquiva-se.)* - Lógico que eu estou chorando. *(Com ênfase.)* Até demais!
- MARCINHO Não existe hino nacional sem choro.
- WESCLEY *(Descontrola-se.)* - Como é que eu vou chorar depois de ver uma foto dessa? Vocês tinham que ter falado comigo antes. Eu é que sou o Wesley Santos.
- MARCINHO Você é aquele que vai ganhar a medalha de ouro daqui um mês. É por isso que você está aqui, treinando o hino nacional, cinco horas por dia. *(Carinhoso.)* Relaxe, meu rapaz, esquece o Wesley Santos. *(Brandindo o jornal.)* Esta é a sua imagem. Você está parecendo um idiota? É com o povão que você se parece. E o povão come de boca aberta. *(Ar vitorioso.)* Me esquece, eu não sou nada. Eu sou apenas o Comitê. Você não. Você entrou nos bares, nas casas, você

está nas ruas! Essa é a propedêutica sócio-imagética! A propedêutica do marketing! A imagem construindo o seu objeto. (*Empolga-se.*) Entende por que você tem que aparecer nos jornais de boca aberta? Pra gerar espanto e dúvida. (*Apressa-se.*) Calma. Eu explico a teoria. (*Pigarreia.*) Espanto, porque o povo percebe que você é igual a ele. (*Eufórico.*) O povo come de boca aberta, (*Brande o jornal.*) você come de boca aberta. Sacou a sacada? (*Pausa, relaxa, agora em tom enigmático.*) Mas tem o outro lado da propedêutica sócio-imagética. Você também gera dúvidas. Sabe por quê? Por que quando você come de boca aberta, o povo passa a duvidar de você, porque quando você come de boca aberta, eles percebem que você é igual a eles! (*Aproxima-se de Wesley, em tom enigmático.*) Eles, o povo, não acreditam em si mesmos. Se você é igual a eles, como é que eles vão acreditar em você? Entendeu o lado obscuro da propedêutica? Entendeu a complexidade do complexo social? Agora eu pergunto. Quem é que vai resolver essa confusão toda? Quem é que vai jogar luz sobre a propedêutica? (*Solene.*) A estatística, campeão! A estatística! É ela que irá pras ruas fazer a pergunta. E a pergunta é: por ser igual a nós, será que (*Aponta Wesley.*) ele vai mesmo ganhar o ouro? (*Empolga-se.*) A resposta quem vai dar é você, daqui um mês, medalha de ouro no peito, cantando o hino e chorando, chorando feito um bebê! Um bebê brasileiro, campeão! (*Em tom lento e profético, beirando à ironia.*) Então, não haverá mais a dúvida. Haverá só o espanto. O povo olhará para si e dirá. Mesmo comendo de boca aberta, nós podemos, sim, vencer! (*Apoteótico, fora de si, sobe na plataforma do ouro.*) Qual é a medalha, campeão? (*Wesley não entende, fica parado.*) Campeão, qual é a medalha?

WESCLEY      Ouro!

MARCINHO    (*Sempre em tom profético.*) - Mais alto!

WESCLEY      (*Contagia-se.*) - Ouro!

MARCINHO    Isso! E o que é que você tem que fazer pra ganhar o ouro?

WESCLEY      Treinar, doutor Kaufmann!

- MARCINHO Mais forte!
- WESCLEY Treinar muito, doutor Kaufmann!
- MARCINHO Treinar o que, campeão?
- WESCLEY O hino nacional!
- MARCINHO Não entendi.
- WESCLEY O hino, doutor Kaufmann.
- MARCINHO E como é que se treina o hino?
- WESCLEY Cantando.
- MARCINHO Porra, eu sei que você treina o hino cantando! Mas o que é que você faz enquanto canta?
- WESCLEY Eu choro, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Pouco ou muito?
- WESCLEY Muito!
- MARCINHO Olhando pra onde?
- WESCLEY Pras câmeras!
- MARCINHO E quem é que vai estar olhando para você através das câmeras?
- WESCLEY Minha avó, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Que porra de ‘vó o quê! É o Brasil, campeão. Repete.
- WESCLEY O Brasil, campeão!
- MARCINHO (*Irritado.*) - O campeão é você, campeão! Você tem que falar só “o Brasil!”.
- WESLCEY (*Inseguro.*) - Só o Brasil, doutor Kaufmann!
- MARCINHO (*Insatisfeito.*) - Eu não estou sentindo firmeza. Quero mais patriotismo! (*Ele próprio, em tom mais firme.*) A pergunta é.

Quem é que vai estar diante das câmeras vendo nosso campeão chorar?

WESCLEY Todos os brasileiros, doutor Kaufmann, ricos e pobres, com dente ou sem dente!

MARCINHO *(Descendo da plataforma do ouro.)* - Perfeitíssimo, campeão! *(Apontando a plataforma do ouro.)* Agora é a sua vez, sabiá verde-amarelo. O pódio é todo seu. *(Ante a ordem de Marcinho, Wescley, inseguro, afasta-se, fazendo alguns trejeitos com a boca e a voz. Está nervoso.)* Onde é que você está indo?

WESCLEY Eu já vou subir, doutor Kaufmann, já vou subir... Só um minutinho, por favor. Preciso de aquecimento... *(Volta, começa a caminhar em volta do pódio, enquanto cantarola um lá-lá-lá, parodiando a melodia da Garota de Ipanema.)*

MARCINHO *(Acompanhando o ritmo.)* - É isso aí, campeão, nada mal! Busque as suas origens. A psicologia nacional diz que a alma brasileira é o arquétipo do pau-brasil. *(Profético.)* Nós nascemos pau-brasil! Mas eu pergunto. Cadê o pau-brasil? Você já viu um pau-brasil? Eu nunca vi. Será que nossa alma é invisível, campeão? *(Pausa. Apressa-se.)* Mas tem um lado da nossa alma que é visível. Dominante! O choro! Nossa alma é chorona, campeão. Choramos nos bares, nos corredores. Às vezes, nas ruas! É no choro que encontramos força pra comer sardinha sem precisar comer camarão, beber pinga sem precisar tomar uísque, passear no Piscinão de Ramos sem precisar ir a Paris! *(Profético e profundamente comovido.)* Faça o povo chorar, e eles vão beber pinga sem achar que podiam estar tomando uísque. Essa é a propedêutica da alma invisível. Entende agora por que você precisa chorar?

WESCLEY *(Entre ansioso e nervoso, confunde-se.)* - Mas pra chorar, Doutor Kaufmann, eu preciso primeiro cantar o hino.

MARCINHO E o que é que você está esperando? Já devia ter começado. Não temos tempo a perder. Pela estatística pseudo-probabilística do Comitê, comparando seus últimos vinte e cinco desempenhos com os últimos vinte e cinco desempenhos dos seus concorrentes, suas chances de ganhar

o ouro são de 96 ponto 301 por cento! A medalha está ganha, campeão! Agora é treinar o hino! *(Para. Acalma-se. Em tom sério.)* Vamos lá, chega de conversa. De conversa o mundo está abarrotado.

WESCLEY *(Conformado, posiciona-se no ouro, tenta relaxar, enquanto Marcinho Kaufmann se afasta e se põe a manusear o celular, como que a navegar na internet. Em função do péssimo sinal, de vez em quando ele soca o ar com o aparelho. Inseguro, Wesley começa a cantar o hino nacional.)* - Ouviram do Ipiranga as margens *(Pequena pausa.)* plá... plácidas... *(Aborrecido e manhoso.)* Sem a musiquinha não dá. *(Pula do pódio e chuta o aparelho de som.)* Olha o que o Comitê me comprou. Essa porcaria não funciona!

MARCINHO *(Enquanto anda pela sala à procura de sinal do celular.)* - Vamos lá, campeão, sem ressentimentos. Eu vou te ajudar. Sobe! *(Enquanto Wesley volta ao pódio do ouro, ele cantarola os acordes iniciais do hino nacional. Emotivo.)* Agora!

WESCLEY *(Vai no embalo.)* - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... *(Marcinho continua a manusear o celular, de costas para Wesley.)* De um povo heroico... *(Percebe que vai vacilar, toca, com o pé direito, a plataforma da prata.)* o brado retumbante / *(Reanima-se.)* E o sol da liberdade, em raios fuúl... *(De novo toca com o pé direito a plataforma da prata.)* ...gidos, / Brilhou no céu da pátria nesse instante... *(Percebe que vai vacilar, desce, agora definitivamente, para a plataforma da prata.)* Se o penhor dessa igualdade / *(Vibrante, a plenos pulmões.)* Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia nosso peito a própria morte! /

MARCINHO *(Sempre de costas, ao celular, emocionado.)* - Magnífico, campeão!

WESCLEY *(Percebendo que Marcinho vai se voltar para ele, o que acaba não acontecendo, coloca um pé na plataforma do ouro, pronto para mudar de plataforma.)* Ó Pátria amada, / Idolatrada, Salve! Salve! *(Vendo que Marcinho continua, agora mais do que nunca, preso aos comandos do celular,*

*volta-se totalmente para a plataforma da prata.) Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, / De amor e de esperança à terra desce, / (Coloca a mão no peito, sempre vigiando Marcinho. Entrega-se ao hino. Marcinho vai percorrendo a garagem em busca de sinal, caminha em direção à porta, depois saindo para a rua. Está comovido, à beira do choro. Furtivamente, limpa uma lágrima. Enquanto isso, Wescley, vibrante e patriótico, vai cantando o hino nacional, na plataforma da prata.) Se em teu formoso céu, risonho e límpido, / A imagem do cruzeiro resplandece. / Gigante pela própria natureza, / És belo, és forte, impávido colosso, (Percebendo que Marcinho se foi, diminui o tom.) / E o teu futuro espelha essa grandeza. / Terra adorada / Entre outras mil / És tu Brasil, / Ó pátria amada!... (Desolado, desce e senta na plataforma da prata.)*

#### CENA IV

*(Um outro dia, sala da casa de Wescley, ampla e austera.)*

- SHIRLEY *(Entra, trazendo uma pilha de roupas dobradas) - Roupa limpinha pro meu campeão vestir depois do banho.*
- WESCLEY Shirley, já pedi pra você parar de me chamar de campeão. Me irrita!
- SHIRLEY Mas o senhor é o campeão.
- WESCLEY Campeão que não canta o hino? Isso não existe. Impossível!
- SHIRLEY Na hora, o senhor vai cantar.
- WESCLEY *(Irônico.) - Falou a vidente. O que mais vai me acontecer no futuro?*
- SHIRLEY *(Vaticina.) - O senhor ainda vai cantar o hino pro presidente da república.*

- WESCLEY Vira essa boca pra lá.
- SHIRLEY Chefinho, o senhor é a pessoa mais importante que eu conheci. E a única coisa que eu quero é que o senhor continue importante. Pras minhas amigas morrerem de inveja quando eu falar do senhor pra elas. E o senhor vai ganhar a medalha de ouro, pra ficar mais importante ainda. Aí é que eu vou poder ver aquelas sirigaitas abanarem o rabo pra mim!
- WESCLEY (*Indica a porta do quarto.*) - Passa, Shirley. Vai lá guardar a roupa.
- SHIRLEY (*Saindo, volta-se e olha para Wesley.*) - Chefinho... e o treino hoje? (*Ansiosa.*) Como é que foi?
- WESCLEY Nada, Shirley.
- SHIRLEY Mas que coisa mais engraçada. Como é que o senhor não consegue cantar o hino?
- WESCLEY Pra você ver. Todo mundo canta, menos eu. E justamente quem mais precisa cantar.
- SHIRLEY (*Convicta.*) - Fizeram alguma macumba. Acenderam vela preta.
- WESCLEY (*Irrita-se com a aparente leviandade de Shirley.*) - Isso não é brincadeira.
- SHIRLEY E quem disse que eu estou brincando?
- WESCLEY Tudo é muito simples pra você.
- SHIRLEY E não é?
- WESCLEY (*Contendo a irritação.*) - Shirley, eu não consigo cantar o hino. Tem uma coisa aqui (*Apalpa a garganta.*) prendendo a minha garganta. E eu não sei o que é! Subo no pódio, a voz não sai.
- SHIRLEY Canta na prata.
- WESCLEY Cantar na prata, Shirley!

- SHIRLEY A gente faz as coisas onde se sente bem.
- WESCLEY Eu vou ganhar o ouro.
- SHIRLEY Então canta no ouro.
- WESCLEY E o que você acha que eu estou tentando fazer?
- SHIRLEY (*Afirmativa.*) - O senhor precisa de ajuda.
- WESCLEY (*Irônico.*) - Poxa, é bom saber disso.
- SHIRLEY (*Decidida.*) - Eu vou ajudar o senhor.
- WESCLEY (*Incrédulo, com certo desdém.*) - Você!?
- SHIRLEY (*Ofendida.*) - Eu, a Shirley! Por quê? Não posso?
- WESCLEY Você já me ajudou. E não foi pouco não.
- SHIRLEY (*Espantada.*) - O que foi que eu fiz?
- WESCLEY Você está aí, parada, em pé, me ouvindo. Isso é ajudar.
- SHIRLEY (*Admirada, achando absurdo que aquilo pudesse ser uma ajuda.*) - Isso?!
- WESCLEY Ficar ouvindo, (*Intencionalmente irônico.*) calada!, alguém contar um problema, desabafar, isso é uma forma de ajudar.
- SHIRLEY Ajudar pra mim é outra coisa. É ir lá e resolver o problema. Se minha amiga chegar pra mim e disser que não tem dinheiro e eu só ouvir, isso não resolve o problema. Ou dou o dinheiro pra ela ou nada feito.
- WESCLEY De qualquer forma, eu agradeço a intenção.
- SHIRLEY (*Exalta-se.*) - Em vez de me agradecer, vai lá e canta o hino. Aí eu vou poder chamar o senhor de campeão!
- WESCLEY Quem disse que eu quero ser campeão? Sabe o que eu vou fazer na hora da largada? Vou arranjar uma contusão. Isso! Caio, perco o ouro, não preciso cantar o hino, resolvo o problema.

- SHIRLEY           Aí vão chamar o senhor de amarelão.
- WESCLEY           *(Agressivo.)* - Eu não pedi a sua opinião!
- SHIRLEY           Mas é o que vai acontecer.
- WESCLEY           Eu estou pouco me lixando. Podem falar o que quiserem, não preciso de ninguém. Eu sei me virar sozinho. *(Pausa. Sentindo-se desamparado, abrandando o tom de voz.)* Ninguém pode me ajudar. Nem você.
- SHIRLEY           Minha patroa. Ela pode.
- WESCLEY           *(Descontrola-se.)* - Shirley, o que foi que você me prometeu?
- SHIRLEY           Não contar o problema do senhor pra ninguém.
- WESCLEY           Muito menos praquela sua patroa.
- SHIRLEY           E quem disse que eu vou contar.
- WESCLEY           Como é que ela vai me ajudar?
- SHIRLEY           Eu invento uma história.
- WESCLEY           Ficou maluca.
- SHIRLEY           O senhor não conhece a doutora Vânia. Ela é muito inteligente.
- WESCLEY           Ela é doida!
- SHIRLEY           A doutora Vânia não é doida. Ela só tem um problema na cabeça.
- WESCLEY           E isso é o quê?
- SHIRLEY           O senhor também tem um problema na cabeça.
- WESCLEY           *(Reage.)* - Eu não sou doido!
- SHIRLEY           *(Sem perder a compostura.)* - Eu não disse que o senhor é doido.

- WESCLEY      Aposto que pra ela você diz que eu sou.
- SHIRLEY      (*Ofendida.*) - Nunca! Juro por Deus Nossa Senhora do Perpétuo Arrependimento que eu nunca, juro pelos meus cinco dedos da mão esquerda, pelos cinco dedos da mão direita, que Deus leve meus dedos pros anjos do céu, até pros capetas do inferno, eu nunca disse pra doutora Vânia que o senhor é doido.
- WESCLEY      Então por que você vive dizendo pra mim que ela é doida?
- SHIRLEY      (*Joga a roupa em cima da mesa. Abalada, mostra as mãos.*)  
- Corta aqui meus dedos! Corta! Corta aqui meus dedos se alguma vez eu disse pro senhor que a doutora Vânia é doida. A doutora Vânia não é doida. Ela só tem uma fraqueza no corpo.
- WESCLEY      (*Espantado e irônico.*) - Não é mais na cabeça não?
- SHIRLEY      Começa na cabeça, mas depois desce pro corpo. (*Olha para os lados e se reveste de fofoqueira.*) Ela faz aquilo é com o corpo, chefinho, não é com a cabeça.
- WESCLEY      (*Desconfiado.*) - Aquilo o que, Shirley...?
- SHIRLEY      Sexo! Ela só consegue fazer sexo em pé.
- WESCLEY      Era só o que me faltava!
- SHIRLEY      O sonho dela é fazer sexo deitada.
- WESLCEY      (*Ironizando.*) - De fato, fazer sexo deitado é muito difícil.
- SHIRLEY      (*Ofendida.*) - O senhor acha que eu estou inventando? Ela até vai no tal de psicólogo. (*Aproxima-se.*) Quando o patrão deita a patroa, (*Aparte, explicativa.*) que é a doutora Vânia, quando ele deita ela pra... (*Maliciosa.*) o senhor sabe..., ela começa a gritar. E começa a sair uma baba no canto da boca.
- WESCLEY      (*Afasta-se, como se tivesse visto um fantasma.*) - Agora fodeu de vez...
- SHIRLEY      (*Aproxima-se de Wesley, que foge.*) - Mas ontem ela conseguiu fazer sentada. Na cadeira. O patrão veio e... (*Faz*

*um gesto engraçado com as mãos, imitando a penetração.)*  
vapt!

- WESCLEY *(Sempre irônico.)* - Ela babou.
- SHIRLEY Só arranhou.
- WESCLEY *(Impressionado, afasta-se.)* - Ela arranha também?
- SHIRLEY Nas costas.
- WESCLEY Do patrão?
- SHIRLEY Claro! De quem mais podia ser. *(Defendendo a patroa.)* Mas ontem até que foi pouco, em vista do que ela fazia.
- WESCLEY E o patrão?
- SHIRLEY Eu passo iodo nele. *(Defendendo-se.)* Mas só nos arranhões.
- WESCLEY A patroa não fala nada... não?
- SHIRLEY Ela fica nervosa, coitadinha. Então, eu digo. É melhor não ver o que a senhora fez, deixa que eu cuido do patrãozinho. Vai lá descansar.
- WESCLEY *(Irônico.)* - E ela vai lá descansar.
- SHIRLEY Viu como melhorou? Já está fazendo sentada. E baba só um pouco, nem dá pra ver.
- WESCLEY Como é que você sabe que não dá pra ver?
- SHIRLEY *(Censurando.)* - Che-fii-nho, o senhor está muito curioso. Já contei demais. E eu só contei pra mostrar pro senhor que a patroa está melhorando. *(Sonhadora.)* Logo ela vai conseguir fazer o papai e mamãe, como ela sempre quis. *(Benze-se.)* Deus é pai, ela vai conseguir. *(Séria.)* E o senhor também.
- WESCLEY *(Assustado.)* - Eu também o que, Shirley...?
- SHIRLEY Chefinho, Deus é pai, o senhor vai conseguir cantar o hino!
- WESCLEY *(Nervoso.)* - Shirley, você não vai sair por aí contando o que

você sabe sobre mim...

SHIRLEY *(Ofendida.)* - O senhor acha que eu tenho cara de fofqueira?

WESCLEY *(Angustiado com a possibilidade de a Shirley vir a dar com a língua nos dentes.)* - Você sabe o que vai acontecer se sair nos jornais que eu não consigo cantar o hino? Não vão me deixar ir pras Olimpíadas!

SHIRLEY Pelo amor de Deus, isso nunca!

WESCLEY É o que vai acontecer se você não fechar a boca.

SHIRLEY Como é que eu vou ajudar o senhor de boca fechada?

WESCLEY *(Transtornado.)* - Eu não quero a sua ajuda! Pelo amor de Deus, bota isso na sua cabeça, não quero a sua ajuda! *(Pausa. Agitado, mas em tom calmo.)* Dá pra você levar a roupa pro meu quarto. Eu preciso tomar banho.

SHIRLEY Eu não quero me gabar não, mas se eu fosse o senhor eu pedia a minha ajuda.

WESCLEY *(Apontando a saída, quase agressivo.)* - Minha roupa, Shirley!

SHIRLEY *(Saindo, levando a roupa.)* - O senhor vai vestir a camisa amarela. Vou deixar ela separada, em cima da cama. *(Para. Observa-o. Está cismada.)* Que foi, chefinho, que cara é essa? Eu não vou passar iodo não senhor não. *(Deixa transparecer uma certa mágoa.)* Se é nisso que o senhor está pensando. *(Sai.)*

WESCLEY *(Nervoso.)* - Puta que pariu! Onde fui amarrar a minha égua. Numa doida! *(Sai para o quarto, atrás de Shirley.)*

## CENA V

*(Na garagem, dia seguinte.)*

*(WESCLEY entra, traz no semblante preocupação, e nos gestos, determinação. Provavelmente fará mais algum teste, na sofrida tentativa de entender o que está acontecendo com ele. Traz ao ombro esquerdo um pano preto. Vai subir no pódio, mas se preocupa em arrumar, com certa meticulosidade, algumas bagunças na garagem, restos de jornais e revistas. Depois, sobe na plataforma do ouro. Procura demonstrar tranquilidade e descontração. Começa a cantar o hino.)*

WESCLEY

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroi... co... *(Vira-se bruscamente, desce do pódio e cobre a bandeira do Brasil com o pano preto. Retorna ao pódio e se põe a cantar o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico o brado retumbante, / E o sol da liberdade em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria neste instante... *(Para de cantar, desce, descobre parte da bandeira, puxando o pano preto para o lado e volta a subir no pódio do ouro. Recomeça o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante, e o sol da liberdade em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria neste instante... *(Para de cantar, desce, puxa mais um pouco o pano preto, deixando mais da metade da bandeira a descoberto. Sobe no pódio do ouro. Recomeça a cantar o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante, e o sol da liberdade em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria neste instante / Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte / *(Empolgado, desce e num impulso tira todo o pano preto. Sobe no pódio do ouro.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroi...co... *(Desce para a plataforma da prata, nervoso, descontrolado.)* o brado retumbante / *(Põe-se raivosamente a declamar o hino, voltando para a bandeira, como se a desafiasse.)* E o sol da liberdade, que não é sol coisa nenhuma, em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria neste instante *(Grita.)* de merda / Se o penhor, dessa igualdade, que nunca existiu, Ó pátria amada, *(Chuta o pódio.)* que não é amada, *(Canta.)* Salve! Salve! *(É interrompido pelo jornalista.)*

## CENA VI

- HORÁCIO *(Do portão, atira o jornal. Sotaque bem português.)* -  
Notícia fresca, sabiá de incalculável rendimento! Pega aí o  
jornal! Tu vai abanar o rabo no Planalto Central, sabiá  
amarelão?
- WESCLEY *(Sai apressado, grita.)* - Espera aí! Vem cá!
- HORÁCIO *(Já indo longe.)* - Eu tenho mais o que fazer.
- WESCLEY Você só vende jornal, porra!
- HORÁCIO Sabiá amarelão, vai abanar o rabo pra nação!

## CENA VII

*(Instante seguinte, na garagem.)*

- WESCLEY *(Folheia o jornal, ressabiado, mas com avidez incomum. Atira folhas esparsas do jornal pelo chão, até encontrar a notícia que procurava. Trêmulo, lê parte da manchete.)* -  
Wescley Santos será recebido... *(Corre os olhos pelo jornal, está eufórico.)* Eu, recebido pelo presidente da república?  
Mesmo antes de embarcar pras olimpíadas? Puta que pariu,  
eu sou foda! *(Imita o encontro com o presidente.)* Sim, sua  
excelência, senhor presidente! Um prazer conhecê-lo... Pois  
não, sua excelência!
- MARCINHO *(Entra, eufórico, trazendo à mão o jornal. Encontra Wescley caminhando pela sala.)* - Campeão, tenho notícia de primeira  
mão! Das boas! Você vai ser...

- WESCLEY *(Eufórico.)* - Recebido pelo presidente!
- MARCINHO *(Percebe os jornais espalhados pelo chão. Ainda eufórico, sem bem que um pouco desapontado.)* - Aquele português filho da puta já passou por aqui.
- WESCLEY Minha avó! Será que ela já sabe?
- MARCINHO Imagina! Você fazendo o presidente chorar, campeão!
- WESCLEY *(Ressabiado.)* - Por que é que ele vai chorar?
- MARCINHO Sabiá, você vai cantar o hino nacional.
- WESCLEY *(Espantado, não acreditando.)* - Eu vou cantar o hino!?
- MARCINHO Vai dizer que não gostou.
- WESCLEY *(Pega o jornal e folheia para conferir a matéria.)* - Por que eu tenho que cantar o hino?
- MARCINHO *(Mantendo a euforia.)* - Você é o campeão, campeão! E campeão canta o hino! E eu sei que você gostou da idéia.
- WESCLEY *(Irônico.)* - Bacana. Bacana mesmo.
- MARCINHO Você vai cantar pro Presidente da República, antes mesmo de embarcar pras olimpíadas e é só isso que você tem pra me dizer? *(Ironizando.)* Bacana mesmo. Quem é que já teve essa honra?
- WESCLEY *(Irritado.)* - Eu estou feliz.
- MARCINHO Você tem que estar muito feliz, campeão! Você vai cantar o hino no Palácio do Planalto, não é no banheiro da sua casa não.
- WESCLEY Lá dentro do palácio?
- MARCINHO Onde mais podia ser? *(Desconsolado.)* Você cantando no Palácio, pro presidente, diante das câmeras. Isso se chama visibilidade total.
- WESCLEY De quem?

- MARCINHO Quem é que precisa de visibilidade? Não é o Comitê.
- WESCLEY (*Conclusivo.*) - O presidente.
- MARCINHO (*Desespera-se.*) - Não! Você! Wesley Santos! O presidente aparece em tudo quanto é mídia. Você é que tem que ser visto. Esta é a propedêutica imagético-propagandística! Em outras palavras, o símbolo! Você é o símbolo. O símbolo do sucesso, o símbolo que saiu da merda e virou ouro! A propedêutica da superação! É lógico que para ser um símbolo tem que ser um vencedor. A imagética cuida dos vencedores, ela não cuida dos perdedores. É por isso que você vai cantar o hino no Palácio do Planalto. Por que você já está sendo tratado como vencedor.
- WESCLEY (*Reativo.*) - Eu ainda não ganhei o ouro.
- MARCINHO (*Toca o braço de Wesley, puxando-o para a realidade, que ele insiste em não querer ver.*) - Que modéstia... Que modéstia, campeão! Estivesse eu no seu lugar, estaria dando pulos de dez metros!
- WESCLEY (*Cada vez mais incomodado.*) - Eu vou cantar o hino todo, do começo ao fim?
- MARCINHO Quatro minutos de imagem. Não é fantástico? Óbvio, o Comitê teve uma dificuldade inicial pra convencer o palácio que a imagem do presidente seria colada à imagem de um vencedor. Eles não dão ponto sem nó. Imagina, o presidente pagando mico! (*Baixinho, em tom de segredo.*) Você se deu bem, campeão! Quatro minutos de pura imagem! (*Não deixando que Wesley se manifeste. Sério e deslumbrado.*) Mas eu inverte a propedêutica. (*Apressa-se.*) Calma, calma, eu explico a manobra. (*Exala orgulho e malandragem.*) O que foi que o Comitê mostrou pro Palácio do Planalto? Quem vai cantar o hino é um campeão. Um vencedor que já venceu antes de vencer! É a propedêutica do já ganhou! Não é simplesmente fantástico? Caberá ao presidente apresentar ao país, por antecipação, nosso novo campeão! E pra provar que você já venceu antes de ter vencido, o que foi que eu fiz? Não fala. Escuta. A estatística! É ela que faz os cálculos! (*Vai ficando cada vez mais eufórico.*) Pela estatística pseudo-probabilística do Comitê, comparando os seus

últimos vinte desempenhos com os últimos vinte desempenhos dos seus concorrentes, suas chances de ganhar o ouro subiram para 97 ponto 805 por cento! O que levou o Comitê a concluir que o presidente da república não vai pagar mico ao receber no palácio do Planalto o já campeoníssimo Wesley Santos! (*Pula no pódio do ouro.*) Imagina... Você fazer o presidente da república chorar?! Que seja uma lagriminha! (*Solene.*) Sairá nas manchetes pseudo-alegóricas. Presidente chora diante do futuro campeão. Eu me arrepio só de imaginar! Você no meio daquele salão, no pódio...

- WESCLEY (*Recua, apavorado.*) - Vai ter pódio?
- MARCINHO (*Desce do pódio.*) - Lógico! Você vai cantar onde?
- WESCLEY (*Agoniado e agressivo.*) - Por que no pódio?
- MARCINHO Por que você é um campeão.
- WESCLEY Eu posso cantar no chão.
- MARCINHO Algum problema com o pódio, campeão?
- WESCLEY (*Tenta disfarçar.*) - Eu só penso na trabalhadeira que isso tudo vai dar. É só uma visita!
- MARCINHO Visita! Você chama o encontro com o presidente de visita. Eu levei um mês pra convencer o pessoal do Planalto pra te receber e você chama isso de visita?
- WESCLEY Vai ter bandeira?
- MARCINHO Repete.
- WESCLEY (*Desespera-se. Conclusivo.*) - Vai ter.
- MARCINHO O que mais tem no palácio do Planalto é bandeira, campeão! Bandeira! Bandeira pra tudo quanto é lado. No lustre, atrás da porta, no armário. Debaixo do tapete. Vamos colocar uma enorme atrás de você...
- WESCLEY (*Interrompe. Grita.*) - Não!

- MARCINHO *(Assustado.)* - Que foi, campeão, está passando mal? Não senta na prata! Dá azar! *(Ajudando Wesley a sentar-se no ouro.)* Aqui, no ouro. Aqui é o seu lugar. *(Wesley senta, Marcinho vê o pano preto jogado no chão. Pega e analisa.)* O que é isso? Pano preto?
- WESCLEY Pra enxugar o rosto.
- MARCINHO Mas preto?
- WESCLEY Eu gosto.
- MARCINHO *(Analisa. Contrariado.)* - Está seco!
- WESCLEY *(De mal humor.)* - Eu ainda vou começar o treino.
- MARCINHO *(Tentando compreender.)* - Sabiá, o que é que está acontecendo? Algum problema? São onze horas da manhã. Vai me dizer que você não treinou até agora. *(Preocupado.)* O Comitê também ouviu desabafos. Desabafa, campeão. Desabafa! Está faltando alguma coisa?
- WESCLEY *(Na ofensiva, levanta-se, pega o pano. Decidido.)* - Eu vou fazer o presidente chorar.
- MARCINHO *(Eufórico.)* - Assim é que se fala, campeão!
- WESCLEY *(Enlouquecido.)* - Cada coluna torta daquele palácio vai derramar rio de lágrimas. Ou eu não me chamo Wesley Santos!
- MARCINHO Me arrepiei! Olha o arrepio... Meu Deus do céu, vai ser lindo!
- WESCLEY Minha avó ainda vai sentir muito orgulho de mim!
- MARCINHO O povo brasileiro vai, campeão! O povo! *(Saindo.)* Eu tenho que ir, está na minha hora. O Comitê não para. Juro que eu ficaria aqui duas, cinco horas, só pra ouvir o nosso sabiá verde-amarelo cantar. *(Volta e se aproxima de Wesley. Em tom de profecia.)* Se você fizer o presidente da república chorar, sabe o que vai acontecer? Vai chover patrocinador. Todos vão querer colar a marca do patrocínio no seu peito. Vai acabar a miséria. Você vai poder treinar o hino numa

concha acústica e não nessa espelunca antiacústica! Você vai poder comprar uma máquina de lavar roupa pra sua avó! Propaganda de iogurte, propaganda de cueca, propaganda de tudo! (*Jocoso.*) Camisinha Wesley, nunca fura! (*Saindo.*) Marca aí, campeão, semana que vem! Rumo ao Palácio do Planalto! (*De fora.*) Eu sei que você está feliz. Não precisa disfarçar.

### CENA VIII

*(Casa de Wesley, agora se sabe, é um ambiente de três quartos, com garagem.)*

- WESCLEY *(Entra na sala, vindo da cozinha, visivelmente irritado.) - Shirley! (Para si.) Onde foi que se meteu essa mulher...? (Inconformado.) Isso porque essa casa só tem três quartos... (Volta-se para a porta da cozinha, que dá para a área de serviço.) Shirley!*
- SHIRLEY *(Entrando, vindo da cozinha.) - Já ouvi, chefinho.*
- WESCLEY Shirley, cadê os iogurtes?
- SHIRLEY Será que eu não posso comer um iogurte nessa casa?
- WESCLEY Você comeu os dois!
- SHIRLEY Um era de coco, que eu amo. O outro era de morango, que eu adoro!
- WESCLEY *(Desamparado.) - E eu?*
- SHIRLEY Chefinho, o senhor está parecendo criança que não pode ficar sem seu iogurte.
- WESCLEY Iogurte não é só pra criança.
- SHIRLEY E aquele outro negócio gostoso também acabou.

- WESCLEY *(Contendo a irritação.)* - O que mais você comeu, Shirley?
- SHIRLEY *(Sentindo uma certa dificuldade para pronunciar.)* - A glan... Glan-nola!
- WESCLEY *(Acentuando o "Gra".)* - Gra-nola.
- SHIRLEY *(Juntando, bem apertado, o indicador com o polegar.)* - Tinha isso aqui. Um tiquinho. *(Na ofensiva.)* E o senhor disse que eu podia comer o que eu quisesse. E eu sei por que o senhor está nervoso. *(Em tom de ordem exagerada.)* Vai desembuchando!
- WESCLEY Que isso, Shirley? Isso é jeito de falar?
- SHIRLEY O senhor está nervoso, sim. E eu sei por quê. É a entrevista.
- WESCLEY *(Reage.)* - Que entrevista o quê!
- SHIRLEY Então é o hino.
- WESCLEY Eu já disse que eu não quero mais falar nesse assunto.
- SHIRLEY *(Afastando-se, indo em direção à cozinha. Com despeito.)* - Tudo bem. Não quer falar, não fala. Dá licença.
- WESCLEY *(Interrompe a saída da Shirley.)* - Admito, eu estou nervoso. Preocupado. *(Desabafa.)* Vou ter que cantar o hino pro Presidente da República!
- SHIRLEY *(Solta um grito de vitória.)* - Yaahh! Chefinho, eu sabia! Eu sabia! *(Carinhosa, aproxima-se.)* Mas está ficando importante esse meu chefinho.
- WESCLEY Shirley, cai na real. Eu vou ter que cantar o hino.
- SHIRLEY Canta.
- WESCLEY *(Exaspera-se.)* - Lá vai ter a bandeira do Brasil!
- SHIRLEY E daí?
- WESCLEY Eu não contei toda a verdade. Meu problema não é o pódio. É a bandeira. Se tiver bandeira do Brasil por perto, acabou,

não canto nada.

SHIRLEY Então tira a bandeira.

WESCLEY *(Nervoso, fragilizado, irrita-se.)* - Como? Eu vou cantar no Palácio do Planalto. Lá tem bandeira pra tudo quanto é lado. Até debaixo do tapete. Em frente do Palácio, tem uma de cinquenta metros. Como é que eu vou olhar pra ela e cantar o hino?

SHIRLEY Só não olhar.

WESCLEY Shirley, basta estar lá, já me atrapalha. *(Pausa. Acalma-se.)* Shirley... Eu preciso da sua ajuda...

SHIRLEY Eu já disse pro senhor que eu ia ajudar.

WESCLEY Você vai ficar calada?

SHIRLEY Por que eu não posso falar?

WESCLEY *(Irrita-se.)* - Por que não precisa. Você só tem que fazer o que eu mandar. *(Decidido.)* Vem cá. Vamos lá pra garagem. *(Saem, vão para a garagem. Retira a bandeira do Brasil do varal e entrega para a Shirley.)* Pega aqui a bandeira.

SHIRLEY *(Referindo-se às bandeiras americanas.)* - E as outras?

WESCLEY Essas aí não me incomodam. Podem ficar onde estão. *(Sobe no pódio do ouro.)* Você só vai fazer o que eu mandar. *(Com ênfase.)* Sem abrir a boca.

SHIRLEY Eu não estou falando nada.

WESCLEY Presta atenção. Você vai ficar com a bandeira levantada. *(Levanta os dois braços, em paralelo.)* Assim. Enquanto eu canto o hino, você vai se afastando. Devagar! Quando eu disser para, você para. Quando eu disser afasta, você afasta. *(Apressa-se.)* Antes que você me pergunte, já vou logo explicando. Eu preciso saber a que distância a bandeira do Brasil tem que ficar longe de mim, pra eu poder cantar o hino.

SHIRLEY Mas isso não resolve o problema.

- WESCLEY *(Nervoso, quase grita.)* - Mas eu quero saber! Vai. Sem perguntas. Fica ali, perto da porta. Quando eu fizer sinal, você sai, caminha até o portão, se for preciso, sai pra rua, se eu continuar bloqueado, atravessa a rua, seu eu continuar bloqueado, vai andando pra lá, pra esquerda. *(Aponta a esquerda.)*
- SHIRLEY Isso não está meio confuso não?
- WESCLEY Qual a confusão, Shirley? É só você ir andando, com a bandeira levantada. Pro portão, pra rua, atravessa a rua, caminha pra esquerda...
- SHIRLEY Se eu errar, a culpa não vai ser minha.
- WESCLEY Você não vai errar! *(Acalma-se.)* Está pronta?
- SHIRLEY *(Posicionada à frente, junto à porta, bandeira levantada.)* - Faz tempo.
- WESCLEY Vamos lá, então. *(Prepara-se, nervoso. Começa a cantar o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... De um povo... *(Agitado, faz o sinal para que Shirley saia. Shirley sai. Wescley espera um pouco e grita.)* Para! *(Prepara-se, retoma o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico... De um povo... *(Grita.)* Vai até o portão! *(Espera um pouco e grita.)* Para! *(Respira fundo, recomeça.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico... De um povo heroico... *(Grita.)* Afasta! *(Desce da plataforma do ouro, vai até a porta, espia, e sai. Ouve-se a ordem de fora, impaciente.)* Atravessa rua, Shirley! Para do outro lado. E não se mexe! *(Volta apressado, sobe no pódio do ouro, posiciona-se, nervoso. Pequena pausa para dar tempo a Shirley de atravessar a rua. Põe-se a cantar.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heróico o brado retumbante, / E o sol da liberdade raios fúlgidos / *(Feliz.)* Shirley! Brilhou no céu da pátria nesse instante / *(Desce do pódio, ainda cantando.)* Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte. *(Sai à procura de Shirley. Ouve-se chamá-la, em tom baixo, como se não acreditasse que não a estivesse vendo.)* Shirley...! Shirley... Shirley! *(Breve silêncio. Entra. Vai sentar-se no pódio da*

*prata, totalmente desolado.)* Onde é que foi se meter essa desgraçada? *(Pausa.)* É nisso que dá confiar numa doida. *(Pausa.)* Eu ainda pego essa desgraçada... *(Silêncio incômodo. Shirley entra.)* Cadê a bandeira?

SHIRLEY *(Tira a bandeira que havia escondido sob a blusa.)* - Está aqui, não perdi ela não.

WESCLEY *(Simplesmente não acreditando. Já em pé.)* - Shiiirley!?

SHIRLEY O senhor queria que eu entrasse na padaria mostrando a bandeira.

WESCLEY O que é que você foi fazer na padaria?

SHIRLEY Pegar uma bala de hortelã, não posso não?

WESCLEY *(Agressivo.)* - Me dá aqui essa merda, eu me viro sozinho! *(Arranca a bandeira das mãos da Shirley, que se mantém parada.)* Esperando o quê? Pode ir, não preciso mais de você. Pobre de mim se um dia eu precisar.

SHIRLEY Eu contei pra minha patroa.

WESCLEY *(Desespera-se.)* - Puta que pariu!

SHIRLEY *(Decidida.)* - O senhor pode me ouvir. Eu posso falar? Não é nada disso que o senhor está pensando. O que eu contei foi uma outra história. Que eu inventei. *(Apressando-se, em tom de ordem.)* Deixa eu falar. Eu disse pra ela que era um problema com um vizinho meu. Ele tem dezesseis anos, é negro, não é branco que nem o senhor.

WESCLEY Genial! Mudou a cor do personagem.

SHIRLEY *(Relaxa, tenta conquistar a confiança de Wesley.)* - Chefinho, o menino é bom de bola que só. Um Pelé, nascido e cuspidor! Campeão que nem o senhor. *(Dramatiza. Séria.)* Eu vi com os meus próprios olhos. O menino dribla todo mundo. Puc! Puc! Puc! Ele tem umas perninhas tortas, mas ninguém consegue ver as pernas dele, de tão rápidas que elas são. *(Para, ainda séria, mas exageradamente dramática.)* Mas, de repente, dá um troço nele que ninguém entende.

(*Pausa. Solene.*) O menino não faz o gol.

WESCLEY (*Ironiza.*) - Ra-rá! Já entendi. É o bloqueio.

SHIRLEY Ele chega debaixo do pau do gol, todo mundo esperando ele fazer o gol, ele driblou o goleiro, agora é ele e o gol, debaixo do pau... (*Olha para Wescley, para sentir a reação dele. Suspense.*) Chuta pra fora.

WESCLEY Nem um doido faria uma coisa dessas.

SHIRLEY (*Ofendida.*) - O senhor acha que eu estou mentindo? Teve um dia que ele nem chutou pra fora. Entregou a bola pro goleiro. A torcida quase invadiu o campo.

WESCLEY E você acha que alguém vai acreditar nessa história.

SHIRLEY (*Em tom de despeito.*) - O psicólogo da patroa acreditou.

WESCLEY (*Espanta-se.*) - O quê?

SHIRLEY Minha patroa contou a história toda pro psicólogo. Ele analisou o caso, disse que pode ser um bloqueio.

WESCLEY (*Irônico.*) - Igual ao meu!

SHIRLEY Ou coisa pior!

WESCLEY (*Ansioso.*) - Pior?

SHIRLEY Colocaram ele pra bater o tal do pênalti. Sem goleiro. Não é que ele chutou pra fora?

WESCLEY (*Angustiado.*) - O que mais que o psicólogo disse?

SHIRLEY Que é pra minha vizinha dar uma bola de meia pro menino.

WESCLEY (*Dá uns pulinhos, para ressaltar a ironia e ao mesmo tempo esconder o profundo incômodo que a história está causando nele.*) - Rá-rá! Uma bola de meia.

SHIRLEY Vai me dizer que o senhor nunca chutou uma bola de meia.

WESCLEY Eu não jogo futebol.

- SHIRLEY           Então o senhor não teve infância.
- WESCLEY           *(Inesperadamente agressivo.)* - Eu tive infância, sim! E saiba, ela foi muito boa! Normal. Não tenho nada do que reclamar. *(Tentando disfarçar a curiosidade.)* E aí, o que aconteceu com a meia?
- SHIRLEY           O menino fez um monte de gol. Mais de cem.
- WESCLEY           *(Pausa. Vendo que Shirley para.)* - Sim..., continua.
- SHIRLEY           Acabou.
- WESCLEY           *(Decepcionado.)* - Mas é só isso...?
- SHIRLEY           *(Sabendo ter o total controle da situação.)* - Não! É só o começo da história. *(Em tom de segredo.)* A patroa vai no psicólogo hoje. Eu estou esperando pra ver o que ele vai dizer.
- WESCLEY           Mas o problema do menino é com a bola de verdade.
- SHIRLEY           Eu sei.
- WESCLEY           Então?! Como é que ele vai ser um jogador famoso, se não consegue fazer gol com bola de verdade?
- SHIRLEY           *(Séria.)* - Chefinho, a história para por aqui. Se eu falar mais, eu vou estar inventando. E eu não quero inventar. E eu ainda tenho um problema pra resolver. O psicólogo quer saber como é que é o pai e a mãe do menino. Eu tenho que bolar alguma coisa! Onde é que vou arranjar um pai pro menino?
- WESCLEY           *(Preocupado, quase agressivo.)* - Mas pra que pai?
- SHIRLEY           Por que todo mundo tem.
- WESCLEY           *(Agressivo.)* - Mas ele pode não ter!
- SHIRLEY           *(Braba.)* - Chefinho, eu não disse que eu ia ajudar? O senhor pode fazer o favor de deixar por minha conta! *(Fazendo-se totalmente de importante.)* O senhor vai precisar de mais alguma coisa?

- WESCLEY *(Visivelmente abatido.)* - Não.
- SHIRLEY *(Saindo para a cozinha.)* - Eu separei a roupa pro senhor ir pra entrevista. Está em cima da cama.
- WESCLEY Pra piorar tudo, ainda tem essa porra de entrevista!
- SHIRLEY *(Entra.)* - Se o senhor não se incomoda, eu vou sair um pouco mais cedo. Tenho que passar na casa da patroa. Posso ir agora? *(Vendo que Wescley não responde.)* Chefinho...! *(Desiste.)* Está bem, vou indo. *(Saindo, volta-se.)* Chefinho, não esquece de comprar iogurte. *(Sai e volta.)* Vê se tem de maçã. *(Sai.)*

## CENA IX

*(Na mesma sala, após a saída da Shirley.)*

- WESCLEY *(Está tenso, na expectativa da coletiva que dará logo mais. Começa a caminhar, falando sozinho, em tom de resmungo. Vai tirando parte da roupa.)* - Não vou falar da minha mãe. Não vou. Podem perguntar, não falo. *(Pausa.)* Nem do meu pai! *(Pausa.)* Mas se prepare, eles vão perguntar. *(Extremamente incomodado.)* Porra! *(Saindo.)* Parece até que quanto mais desgraça, melhor! *(Volta vestindo as calças e camisa. Enquanto abotoa.)* Perguntar sobre os treinos eles não vão não. Sobre o apoio que o comitê me dá? Duvido. *(Pausa.)* Mas eu tenho que falar alguma coisa. Sim, caros jornalistas, tive uma infância muito boa! Normal. *(Saindo e brigando com os jornalistas fantasmas.)* Foi normal, sim! *(Pausa, volta com os sapatos. Enquanto calça, sentado na cadeira.)* Minha avó tudo bem. Podem perguntar. Mulher valente! Guerreira. Pau pra toda obra. Braba! Ai de mim se eu não fizesse o dever de casa. *(Descontraído.)* Apanhei, sim. Com vara! *(Preocupado, recua.)* Opa! Você está falando demais. Cuidado! *(Ajeita o cabelo diante do espelho.)* Falar pouco... Falar pouco... *(Confere a aparência)*

*pela última vez.)* Vamos lá. *(Saindo.)* E se perguntarem da minha mãe? *(Agressivo.)* Manda tomar no cu.

### CENA X

HORÁCIO *(Atira o jornal.)* - Pega aí o jornal, sabia de inesgotável rendimento! Notícia fresquinha. Agora você de fato é um filho da puta!

WESCLEY *(Entra.)* - Filha da puta é você, português filho da puta!

HORÁCIO Antes de xingar o português, melhor ler o jornal e ver o que sua mãe fez!

WESCLEY Minha mãe? O que é que tem a minha mãe? *(Sai.)* Vem cá! Espera!

HORÁCIO Eu tenho mais o que fazer.

WESCLEY *(Descontrolado.)* - Você só vende jornal, porra!

HORÁCIO Eu também leio jornal, sabia amarelão! Ou você pensa que português é burro? *(Wescley pega o jornal e vai para a garagem. Folheia com avidez.)*

### CENA XI

MARCINHO *(Entra. Atitude dissimulada, na defensiva. Traz à mão um vaso, com um cacto.)* - Está aqui o buquê de flores que você pediu. *(Analisando o vaso.)* Olha que lindo. Novo em folha! *(Encontra Wescley sentado no chão, jornal espalhado à sua volta. Está depressivo.)* Onde é que eu coloco?

- WESCLEY Onde o senhor quiser.
- MARCINHO Que porra de marasmo é esse, campeão?
- WESCLEY No chão... Em cima do pódio.
- MARCINHO (*Incomodado, porque sabe do motivo da depressão de Wesley.*) - Cadê o treino? Eu quero ouvir o canto do sabiá. (*Não obtém resposta. Na defensiva, enquanto procura um lugar onde colocar o buquê.*) Eu não tive nada a ver com isso.
- WESCLEY Como é que essa porra de notícia veio parar aqui então?
- MARCINHO Espera um pouco. Também não é o fim do mundo.
- WESCLEY (*Agressivo.*) - Por que não é a sua mãe!
- MARCINHO Essa é a imprensa, você já sabia disso.
- WESCLEY A imprensa que o senhor adora.
- MARCINHO Quer saber a minha opinião? Achei ótimo. Você só tem a ganhar com essa história toda.
- WESCLEY Fico sabendo pelos jornais que minha mãe foi prostituta do cais do porto, do Rio de Janeiro, e eu tenho (*Irônico.*) muito a ganhar com isso.
- MARCINHO (*Encantado.*) - Imagem...!
- WESCLEY Eu não preciso dessa porra de imagem!
- MARCINHO Aí é que você se engana. Precisa. E muito!
- WESCLEY De uma mãe prostituta?
- MARCINHO Vai me dizer que você não sabia.
- WESCLEY (*Agressivo.*) - Eu não sabia!
- MARCINHO Você tem vinte e três anos.
- WESCLEY Vai me dizer que o senhor sabe tudo o que sua mãe anda

fazendo por aí.

MARCINHO (*Ameaçador.*) - Respeito com a minha progenitora, campeão.

WESCLEY A minha pode andar na boca do povo.

MARCINHO (*Impaciente.*) - Você é atleta.

WESCLEY Se esse é o preço que eu tenho que pagar, estou fora.

MARCINHO Que preço? Está maluco. Sua mãe foi uma prostituta, só isso. Você parou pra pensar como é que o povo brasileiro vai te ver a partir de agora? O Presidente da República? Ouvindo você cantar o hino nacional, olhando pra você e pensando na sua mãe, lá no cais do porto? E agora, o filho, ali, cantando feito um sabiá! (*Vira-se para Wesley.*) O que você acha que o presidente vai pensar a seu respeito? Ele vai te admirar, campeão! Ele vai dizer pra si mesmo. (*Solene.*) Esse tem a cara do nosso Brasil.

WESCLEY (*Ironizando.*) - Um filho da puta.

MARCINHO Filho (*Enfatiza o "de".*) de puta! É diferente. (*Um tanto solene.*) O filho cuja mãe foi puta! Essa é a imagem. (*Apressa-se.*) Olha aqui pra mim. Sem ressentimentos. Eu só quero que você veja a imagem. Você, medalha no peito, o hino nacional explodindo na sua garganta, o choro descontrolado, e todo mundo olhando pra você sabendo que você é filho de mãe prostituta e de pai desconhecido...

WESCLEY Desconhecido a porra! Meu pai tem cara, tem nome. (*Chutando o jornal.*) Isso tudo é mentira. Minha mãe nunca foi puta! Eu quero saber quem é que está inventando essa história toda!

MARCINHO (*Em tom autoritário.*) - Escuta aqui, ô comedor de iogurte...

WESCLEY Sem essa de gozação!

MARCINHO (*Finge se desesperar.*) - Porra, campeão, eu estou querendo desconstrair a conversa, tornar ela mais palatável, menos exegética... Eu estou querendo mostrar pra você a importância da propedêutica imagético-familiar. A notícia

caiu como uma luva. Nós estamos atendendo aos requisitos mais ortodoxos da imagética e você vem se comportar como um menino mimado que nega sua própria história. Porra, campeão, pra que esse ressentimento todo? Eu estou aqui é pra ajudar. O Comitê não é só um amontoado de salas e telefones não! O Comitê é uma instituição e tem seus valores próprios.

WESCLEY        Eu tenho pai, eu posso provar!

MARCINHO      O Joel, o negão? Você com essa cara de gringo? Você nasceu em novembro, nove meses depois do carnaval.

WESCLEY        (*Tomado de angústia.*) - Oito! Eu nasci de oito meses!

MARCINHO      Na contabilidade da propedêutica gestacional, isso não faz a menor diferença. O que faz diferença é a quantidade de navios atracados no porto do Rio de Janeiro durante o carnaval. Devia ter uns quarenta navios despejando milhares de marinheiros no cais, doidos pra tirar água do joelho! (*Messiânico.*) Doidos pra comer uma puta brasileira. Marinheiro japonês, (*Olha atento para Wescley. Conclusivo.*) você não tem cara de japonês... Marinheiro norueguês, alemão, americano, mais americano, um monte de americanos, um monte de espanhóis doidos pra conquistar as bocetas da América, francês *prêt-a-porter*, italiano *spaguetti*, porra, campeão, seu pai não é o Joel. Seu pai é o Fetuccini, é o Brown, o Depardieu, o Chucrute, o Can-can, o Manoel, o Joaquim... O Joel é o negão que cuidou de você no morro, que deu seu nome na certidão e depois virou presunto do tráfico! Aceita a realidade. Você é um genuíno filho de puta e um privilegiado filho do mundo!

WESCLEY        (*Alterado.*) - Eu só quero saber como é que essa história veio parar aqui. Sozinha não foi!

MARCINHO      Jornalista bom não espera notícia cair no colo. Ele vai atrás!

WESCLEY        Eu quero distância desses urubus.

MARCINHO      A gente não vive sem a imprensa.

WESCLEY        (*Desnortado.*) - Vou sumir! Vou pra casa da minha avó.

Vou me esconder, num buraco, lá em Andaraí. Quero ver quem é que vai me encontrar.

MARCINHO Eles vão atrás. Não vão te dar trégua. Ainda mais agora que o Comitê acabou de fazer uma nova projeção baseada na propedêutica pseudo-probabilística do desempenho antecipado. Tomando por base seus últimos quinze desempenhos e comparando com os últimos quinze desempenhos dos seus concorrentes, o Comitê concluiu que suas chances de ganhar a medalha de ouro daqui a duas semanas está agora em 98 ponto 333 por cento! Como deixar a imprensa longe? Impossível!

WESCLEY Não vou pras olimpíadas.

MARCINHO Quem decide se você vai ou não é o Comitê.

WESCLEY E se eu não quiser ir?

MARCINHO O sonho de colocar uma medalha de ouro no peito é seu!

WESCLEY Minha avó! Alguém já deve ter ido lá contar pra ela!

MARCINHO *(Pega o jornal.)* - Campeão, o jornalista entrevistou a sua avó.

WESCLEY Como assim?

MARCINHO Como assim o quê...? Não leu a reportagem não?

WESCLEY O senhor está dizendo que foi a minha avó... Ela não faria isso comigo!

MARCINHO Ela te adora, campeão.

WESCLEY Ela não ia fazer isso comigo...

MARCINHO Eu chorei quando ouvi sua avó me contar que você dormia nas costas dela...

WESCLEY Eu sabia que o senhor estava por trás disso tudo!

MARCINHO *(Impositivo.)* - Que foi? Vai querer me encarar agora? *(Pausa.)* Você é um ingrato. Sua avó é uma pessoa adorável.

Uma heroína! Ela te carregava nas costas, você, bebezinho, dormindo, enquanto ela lavava roupa de casa em casa. Pra te sustentar! Eu quero voltar lá pra tomar outro cafezinho com ela. E você vai comigo, levando no peito a medalha de ouro. Ou você vai decepcionar a sua avó? (*Pega o buquê de flores e entrega para Wesley.*) Está aqui o buquê de flores que você pediu. Não falta mais nada. Eu quero nosso sabiá verde-amarelo cantando no Planalto Central semana que vem. Ou será que eu vou ter que imitar aquele jornalista português filho da puta e te chamar de sabiá amarelão?

- WESCLEY      Isso aqui não é um buquê de flores.
- MARCINHO     É um buquê sim.
- WESCLEY      Isso é cacto.
- MARCINHO     Flor brasileira, campeão.
- WESCLEY      Mas não é buquê de flores.
- MARCINHO     Você está enganado. (*Convincente.*) É um buquê de flores.
- WESCLEY      Eu tenho certeza, não é!
- MARCINHO     (*Pega o buquê de flores das mãos de Wesley e pula no pódio do ouro.*) - O que é isso, campeão?
- WESCLEY      Um buquê.
- MARCINHO     Buquê de quê?
- WESCLEY      Buquê de flores, doutor Kaufmann.
- MARCINHO     Ânimo!
- WESCLEY      (*Anima-se, mas nem tanto.*) - Buquê de flores, doutor Kaufmann.
- MARCINHO     E o que é que você vai fazer com ele?
- WESCLEY      Treinar.
- MARCINHO     Pouco ou muito.

- WESCLEY      Muito.
- MARCINHO    Muito ou muitíssimo.
- WESCLEY      Muitíssimo, doutor Kaufmann.
- MARCINHO    *(Pula do pódio, entrega o buquê.)* - Está aqui o buquê, é todo seu. Amanhã eu volto pra ouvir o hino, completo, do começo ao fim. *(Em tom de censura.)* Eu estou monitorando os seus treinos, campeão. Não tente me enganar! *(Saindo, volta-se.)* Ter mãe puta, de fato, é foda. Mas fazer o quê? É a vida. *(Maldade na voz.)* Por que não tirarmos proveito disso, campeão?

## CENA XII

*(Na garagem. Entram Wesley e Shirley. Ela traz um saco cheio de bandeiras dos mais diversos países.)*

- SHIRLEY      Eu vou ajudar, mas com uma condição. Eu quero ver o senhor com uma cara mais alegre.
- WESCLEY      Essa é a minha cara.
- SHIRLEY      Não é.
- WESCLEY      Pra hoje é o que eu tenho.
- SHIRLEY      *(Aproxima-se, carinhosa.)* - Vamos lá, um sorrisinho...
- WESCLEY      O que é que nós viemos fazer mesmo?
- SHIRLEY      Primeiro eu quero um sorriso.
- WESCLEY      Porra, Shirley!
- SHIRLEY      Não é o fim do mundo ter uma mãe igual a que o senhor tem.

- WESCLEY *(Irônico.)* - De fato, é muito legal ter mãe puta. Ainda mais se for a puta do cais do porto *(Acentuando a importância.)* do Rio de Janeiro!
- SHIRLEY *(Censurando.)* - Mãe precisa de respeito.
- WESCLEY Eu não tenho mãe!
- SHIRLEY Tem sim! Senão o senhor não estaria aí, em pé, rosnando feito um cão sarnento. Faz dois dias que o senhor não treina. Deixa o homem do Comitê saber disso.
- WESCLEY Vai lá contar pra ele.
- SHIRLEY Me dá vontade.
- WESCLEY Você colocou avó nessa história do menino, eu não gostei. Só falta agora ele ter mãe puta. Pra ficar tudo igualzinho, parecido comigo!
- SHIRLEY Mas a mãe dele é prostituta.
- WESCLEY Shirley, todo mundo já sabe da minha mãe! Está em todos os jornais!
- SHIRLEY A dele foi prostituta de posto de gasolina, é diferente.
- WESCLEY É puta, dá no mesmo!
- SHIRLEY Posto de gasolina de beira de estrada.
- WESCLEY Genial!
- SHIRLEY Um monte de caminhoneiros, entrando e saindo. Foi lá que o menino nasceu. Entende por que ele não faz gol? Ele não sabe quem é o pai. Foi o que o psicólogo disse. *(Toda decidida.)* E eu acredito no psicólogo da patroa! *(Carinhosa.)* Chefinho, nós só precisamos encontrar o seu pai. *(Decidida.)* E vamos resolver isso agora.
- WESCLEY Não estou gostando nem um pouco dessa história de bandeira.
- SHIRLEY Deixa comigo.

- WESCLEY *(Desespera-se.)* - Minha mãe deu pro mundo! Você acha que ela vai saber quem é meu pai?
- SHIRLEY Por isso mesmo, esse é o problema. O senhor não sabe se seu pai é inglês, baiano ou argentino. Por isso nós precisamos descobrir de que país ele é. *(Em tom de decisão.)* Chefinho, vamos dar um nó nessa história. *(Apressa-se.)* Presta atenção. Vamos supor que o senhor pensa que seu pai é inglês. Então veja. Se o senhor pensa que seu pai é inglês, então o senhor vai achar que o senhor também é inglês. Como é que o senhor vai cantar o hino nacional brasileiro se o senhor pensa que é inglês?
- WESCLEY Mas eu não penso que eu sou inglês.
- SHIRLEY *(Braba.)* - Não pensa mas pensa! E é por isso que o senhor não canta o hino. *(Acalma-se.)* Agora, vamos imaginar. Se o senhor ficar sabendo que seu pai é inglês, aí então o senhor vai dizer, *(Indica a cabeça.)* aqui na sua cabeça. Pai, o senhor é inglês, mas eu sou brasileiro. *(Descolada.)* Tudo bem assim, paizão? Aí o senhor vai poder cantar o hino do Brasil sem ficar achando que é inglês.
- WESCLEY Quem descobriu essa ideia genial? O freudiano da patroa?
- SHIRLEY *(Ofendida.)* - Fui eu que bolei.
- WESCLEY Então a maluca aqui é você.
- SHIRLEY *(Braba.)* - Quer minha ajuda ou vai ficar aí me chamando de doida?
- WESCLEY *(Aceitando a ajuda.)* - Eu tenho escolha?
- SHIRLEY Não. *(Pausa. Em tom de ordem.)* Agora sobe nessa porcaria de pódio e bota o gogó pra cantar o hino. *(Vendo que Wescley vacila, empurra-o.)* Sobe logo. *(Wescley submete-se à situação, posiciona-se no pódio da prata.)* No ouro, chefinho!
- WESCLEY *(Irritado, sobe para a plataforma do ouro.)* - Calma! Eu já ia subir.

- SHIRLEY *(Wescley se posiciona.)* - Agora fecha o olho. *(Wescley fecha o olho.)* Fechou?
- WESCLEY Fechei.
- SHIRLEY *(Enquanto escolhe uma bandeira.)* - Será que seu pai é um italiano comedor de macarrão? Um português bigodudo? Um sueco da Suécia? Um argentino do Uruguai? Daqui a pouco nós vamos saber, tenha fé! Deus é pai! E aí então o senhor não vai mais precisar ter medo de cantar o hino. Não vai ter vergonha de ser brasileiro...
- WESCLEY Eu não tenho vergonha de ser brasileiro!
- SHIRLEY Mas se tiver, não vai ter mais. *(Pendura a bandeira da China por cima da bandeira do Brasil.)* Eu estou pendurando a bandeira do país onde o seu pai nasceu. Uma bandeira em cima da outra. Que nem papai e mamãe. Agora o senhor vai cantar o hino. *(Cômica.)* Vai sentir lá nas profundezas do passado o eco do seu pai.
- WESCLEY *(Nervoso.)* - Posso começar?
- SHIRLEY Espera eu mandar. *(Pausa. Grita.)* Já!
- WESCLEY *(Começa a cantar o hino, no começo receoso, depois com empolgação.)* - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante / E o sol da liberdade raios fúlgidos...
- SHIRLEY Sentindo alguma coisa?
- WESCLEY Nada.
- SHIRLEY Continua cantando!
- WESCLEY Brilhou no céu da pátria neste instante / Se o penhor, dessa igualdade...
- SHIRLEY E agora?
- WESCLEY Nada
- SHIRLEY Continua!

- WESCLEY      Consequimos conquistar com braço forte / (*Empolga-se.*)  
Em teu seio, ó liberdade (*Shirley começa a tirar a bandeira da China, deixando à mostra a bandeira do Brasil.*) Desafia  
nosso peito a própria morte (*Retira toda a bandeira da China.*) Ó pátria amada... Ó pátria amada...
- SHIRLEY      Continua!
- WESCLEY      Não consigo! (*Vê a bandeira da China nas mãos da Shirley. Vai à loucura.*) Shirley, essa é a bandeira da China!
- SHIRLEY      Qual o problema?
- WESCLEY      Você acha que eu tenho cara de chinês?
- SHIRLEY      Por que não?
- WESLCEY      Olha pra mim. Está vendo algum chinês aqui?
- SHIRLEY      (*Conclusiva.*) - O senhor não conseguiu cantar o hino depois que eu tirei a bandeira da China. Então seu pai não é chinês. (*Dando ordem.*) Fecha o olho, vamos pro próximo país. Olha pra frente! (*Retira do monte a bandeira da Polônia e pendura-a sobre a bandeira do Brasil.*)
- WESCLEY      (*Emburrado.*) - Pronto?
- SHIRLEY      Calma! Nasceu de sete meses?
- WESCLEY      Por que não pendura logo a bandeira americana?
- SHIRLEY      Quem escolhe sou eu! (*Terminando de pendurar.*) Agora fecha o olho. Quietinho... Pronto! Pode cantar. Sem olhar pra trás.
- WESCLEY      (*Começa a cantar o hino. Demonstra impaciência, sem, contudo, deixar de ter esperança.*) - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante / E o sol da liberdade raios fúlgidos... (*Não resiste e olha para trás. Reage.*) Que bandeira é essa?
- SHIRLEY      O senhor estragou tudo. Não era pra olhar pra trás!
- WESCLEY      Que bandeira é essa, Shirley?

- SHIRLEY Não sei.
- WESCLEY Como não sabe?
- SHIRLEY (*Ofendida.*) - Não sou obrigada a saber geografia.
- WESCLEY (*Pula do pódio e consulta o nome do país na barra da bandeira.*) - Você acha que eu tenho cara de polonês?
- SHIRLEY O que é polonês?
- WESCLEY É todo sujeito que nasce na Polônia.
- SHIRLEY E por que seu pai não pode ter nascido na Polônia?
- WESCLEY Eles têm bochecha grande. Eu tenho bochecha grande? Eles têm cabelo loirinho, fininho, lisinho! Olha bem pra mim. Eu tenho cabelo loirinho, lisinho?
- SHIRLEY E sua mãe? Não conta não?
- WESCLEY (*Impaciente.*) - Coloca a bandeira americana. Vamos acabar logo com isso!
- SHIRLEY (*Braba.*) - O senhor quer ou não quer resolver o problema? (*Tocando a bandeira do Brasil.*) Sua mãe está aqui, está vendo, essa é sua mãe! Só falta o seu pai. Eu é que escolho a bandeira. Vai, sobe no pódio.
- WESCLEY (*Rende-se, subindo.*) - A última vez!
- SHIRLEY (*Anima-se.*) - Deus é pai, vai dar tudo certo. Agora fecha o olho, eu vou pendurar outra bandeira. (*Põe-se a pendurar a bandeira do Vaticano.*) Espera! Sem olhar pra trás. Agora! Pode começar.
- WESCLEY (*Começa a cantar o hino, com empolgação.*) - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante / E o sol da liberdade raios fúlgidos...
- SHIRLEY Sentindo alguma coisa?
- WESCLEY Dor no peito!

- SHIRLEY            Bom sinal! Pode ser seu pai... Continua!
- WESCLEY            Brilhou no céu da pátria neste instante / (*Shirley começa a tirar a bandeira do Vaticano.*) / Seu penhor (*Retira a bandeira do Vaticano.*) dessa igualdade... dessa igualdade... Porra! (*Vira-se.*) Que merda é essa?
- SHIRLEY            (*Decepcionada.*) - Eu queria tanto que seu pai fosse um *porca la miseria!*
- WESCLEY            Shirley, essa não é a bandeira da Itália!
- SHIRLEY            Mas o senhor tem cara de italiano. Eu trabalhei em casa de italiano, eu sei como é que eles são. Fofinhos!
- WESCLEY            Me dá aqui, deixa eu ver. (*Toma a bandeira das mãos de Shirley e consulta o nome do país na barra da bandeira. Começa a rir.*) Vaticano!
- SHIRLEY            (*Admirada.*) - Vaticano é um país?
- WESCLEY            (*Ainda rindo.*) - Meu pai é o papa! Olha pra mim. Sou filho do papa João Paulo Segundo! Ele veio pular o carnaval no Rio, aproveitou pra dar uma passadinha no cais do porto. (*Shirley está agitada, põe-se a procurar, desesperadamente, na pilha, a bandeira da Itália. Wescley põe-se a caminhar a esmo, ainda sorrindo, apesar de nervoso.*) O que é que você está procurando?
- SHIRLEY            Sobe no pódio. Rápido! (*Wescley sobe no pódio, contrariado.*) Estou com um pressentimento bom, estamos chegando perto do seu pai. E eu tenho certeza que ele é italiano. O senhor sorriu, chefinho, o senhor está alegre, isso é bom! Parece um *porca la miséria!* Não podemos desistir. Imagina se a gente desiste no primeiro degrau? Como é que nós vamos subir a escada? A vida é uma escada. E eu gosto de ver a vida lá do alto. Sabe, quando eu era criança, meu pai ia pra cidade, eu ficava horas sentada na pedra, lá em cima, esperando ele voltar. Ele sempre me trazia meu doce preferido. Eu ficava feliz e ele me jogava um sorriso gostoso... Que nem o senhor sorriu agora! O senhor já comeu maria-mole?

- WESCLEY Não sei o que é isso.
- SHIRLEY Opa! Achei! (*Encontra a bandeira da Argentina.*) Não olha para trás. Nós temos o dia todo pra achar o seu pai, e eu estou com pressentimento bom. Pela Nossa Senhora do Perpétuo Arrependimento, vai ser agora. Se não for, não vamos desistir. Vamos ficar aqui até encontrar o seu pai. Não vira a cabeça, o senhor não pode ver, senão perde o efeito. (*Pendura a bandeira da Argentina.*) Espera... Isso... Agora pode começar. Já!
- WESCLEY (*Começa a cantar o hino, não se sabe se por causa da impaciência, mas canta com toda a empolgação da alma.*) - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante / E o sol da liberdade raios fúlgidos...
- SHIRLEY (*Empolgada.*) - Não para, chefinho, não para!
- WESCLEY Brilhou na pátria desse instante /
- SHIRLEY O que é que o senhor está sentindo?
- WESCLEY Vejo uma luz amarela no horizonte!
- SHIRLEY Continua!
- WECLEY (*Mais forte.*) - Seu penhor / Dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braços fortes! (*Shirley se posiciona, com muita ansiedade, para começar a tirar a bandeira da Argentina. Faz suspense. Wesceley para.*) Shirley, está ouvindo? (*Preocupado.*) Conheço o ronco desse motor. (*Pula do pódio.*) É o doutor Kaufmann! (*Vendo a bandeira da Argentina hasteada.*) Pelo amor de Deus, tira logo essa bandeira daí, some com tudo! (*Corre-corre. Shirley junta as bandeiras.*) Meu pai, argentino, Shirley?
- SHIRLEY (*Decepcionadíssima.*) - Não é a bandeira da Itália não?
- WESCLEY É da Argentina, porra! Rápido. Nem pensar o doutor Kaufmann te encontrar aqui. Vocês dois não podem nem se conhecer. Seria uma tragédia! O meu fim. Corre. (*Shirley, juntando as bandeiras.*) Sai! Sai! (*Shirley sai, apressada.*)

**CENA XIII**

*(Garagem. Wesley, para disfarçar, pega o buquê e começa a treinar seu posicionamento. Troca o buquê de lado, ora testando no lado esquerdo, segurando-o, evidentemente, com a mão esquerda, ora no lado direito, segurando-o, também evidentemente, com a mão direita. Está agitado e um tanto confuso.)*

MARCINHO *(Entra e encontra Wesley testando o buquê no lado esquerdo.)* - Tem que segurar no lado direito, campeão.

WESCLEY *(Rude.)* - Por que é que eu não posso segurar com a mão esquerda?

MARCINHO Porra, campeão, você é um poço de mal-humor. Eu não posso falar nada, que você já vem chutando a minha canela.

WESCLEY Sexta-feira eu tenho que cantar pro presidente, preciso treinar.

MARCINHO Estamos pensando em convidar outras autoridades. Fazer do evento um grande evento!

WESCLEY *(Com desdém.)* - Não sei pra que tanta divulgação. Eu devia era estar me concentrando pras olimpíadas, isto sim que é importante.

MARCINHO *(Censurando.)* - O Presidente da República não é importante. Sair na televisão, ao lado do Presidente da República, não é importante. O que é importante pra você?

WESCLEY Cantar o hino.

MARCINHO Pronto, você respondeu a minha pergunta. Cantar o hino. Pra quem?

WESCLEY Pro Presidente da República.

- MARCINHO *(Enfático.)* - E o que você vai fazer diante do homem mais importante do Brasil?
- WESCLEY Cantar o hino.
- MARCINHO Chorar, campeão. Chorar! Feito um bebê brasileiro. Todo mundo sabe que o choro é a nossa essência. Ninguém entende por que os brasileiros choram tanto. Mas nós entendemos. Por que só nós sabemos do que é feita a alma brasileira. E sabe do que ela é feita? Pois eu digo. Ela é feita de alminhas de índios, alminhas de negros, de nigerianos, de portugueses, muitos portugueses, alminhas de alemães, italianos, chineses, haitianos, bolivianos, baianos, pernambucanos, somos tudo e não somos nada, campeão. Mas é do nada que sai o tudo e esta é a nossa essência futura! *(Silencia, está agitado. Acalma-se.)* Mas não foi pra falar disso que eu vim aqui. Eu vim por que há motivos pra comemoração. Sexta-feira nós vamos divulgar as últimas estatísticas do Comitê. Hoje ainda é quarta, mas eu adianto pra você o resultado. Só pra você, campeão, que mais ninguém fique sabendo. Toda a comissão do Comitê passou a manhã analisando, e refazendo, e recalculando os cálculos e a propedêutica calculista não falhou! *(Em tom apoteótico.)* Comparando seus últimos dez desempenhos com os últimos dez desempenhos dos seus concorrentes, o Comitê concluiu que suas chances de ganhar o ouro subiram para insuperáveis 98 ponto *(Com ênfase.)* 989 por cento! Wesley Santos, acrescentemos só mais um milésimo à estatística e você estará com 99 por cento de chances de ganhar o ouro! Só nos resta agora cantar o hino e chorar! *(Pula no pódio da prata.)* Vamos chorar, campeão?
- WESCLEY *(Em tom de censura fingida.)* - Mas o que é que o senhor está fazendo aí na prata?
- MARCINHO *(Apresentando a Wesley a plataforma do ouro)* - O ouro é seu! Não quero macular o seu santuário com o meu entusiasmo! *(Vendo que Wesley não se move, sério.)* Está precisando de alguma coisa?
- WESCLEY Não! Está tudo bem!
- MARCINHO Ótimo. Então tudo está perfeito. Só nos resta a empolgação!

*(Empolga-se, pulando para a plataforma do ouro.)* Como é que se diz, campeão?

- WESCLEY Como se diz o que, doutor Kaufmann?
- MARCINHO Ouviram o quê?
- WESCLEY *(Voz tímida, um tanto insegura.)* - Do Ipiranga?
- MARCINHO Mais alto, Wescley!
- WESCLEY Do Ipiranga, doutor Kaufmann!
- MARCINHO Como é que são as margens do Ipiranga?
- WESCLEY Plácidas!
- MARCINHO E nosso povo? *(Espera.)* E nosso povo é o que, campeão?
- WESCLEY Heróico!
- MARCINHO E o que é que eles bradam?
- WESCLEY O retumbante, doutor Kaufmann!
- MARCINHO E como é que é o nosso sol?
- WESCLEY Amarelo!
- MARCINHO Porra, eu sei que ele é amarelo! O que é que o nosso sol transpira?
- WESCLEY Ele transpira a liberdade, doutor Kaufmann!
- MARCINHO E como é que são os nossos raios?
- WESCLEY Trovejantes?
- MARCINHO Não!
- WESCLEY Piscantes?
- MARCINHO Porra!
- WESCLEY Já sei! Fúlgidos, doutor Kaufmann!

- MARCINHO E onde é que nossos raios fúlgidos brilham?
- WESCLEY No Brasil!
- MARCINHO Não, porra!
- WESCLEY Onde, então, doutor Kaufmann?
- MARCINHO No céu da pátria nesse instante!
- WESCLEY E não é o Brasil?
- MARCINHO *(Desce da plataforma da prata.)* - Você está pensando demais, campeão!
- WESCLEY *(Começa a cantar. Espertamente posiciona-se na plataforma da prata.)* - Se o penhor, dessa igualdade, conseguimos conquistar com braços fortes!
- MARCINHO No ouro, campeão.
- WESCLEY O senhor fica no ouro, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Eu não sou atleta.
- WESCLEY Mas é brasileiro.
- MARCINHO Você é que tem que cantar no ouro, não eu.
- WESCLEY Uma vez na vida, doutor Kaufmann, pra sentir o gostinho. Não faz mal a ninguém!
- MARCINHO *(Encabulado.)* - Não sei se eu devo.
- WESCLEY *(Incisivo.)* - Deve, doutor Kaufmann!
- MARCINHO *(Tampa o rosto com as mãos.)* - Não, o ouro é seu, eu não mereço.
- WESCLEY O senhor merece, sim, doutor Kaufmann. Nem se for só por um instante. *(Vendo que Marcinho quer subir na plataforma da prata. Um tanto agressivo.)* Não! *(Percebendo a agressividade, tenta adocicar a voz.)* Eu canto na prata, o senhor no ouro. Eu estou pedindo. Só dessa vez!

- MARCINHO *(Não se contendo, sobe na plataforma do ouro.)* - Só um pouquinho, então.
- WESCLEY O senhor vai gostar.
- MARCINHO *(Mexe os pés, testa o pódio. Encantado.)* - De fato, parece bom!
- WESCLEY *(Com medo de que Marcinho mude de idéia, começa imediatamente a entoar o hino.)* - Brasil , um sonho intenso, um raio vívido / *(Enquanto canta, volta-se para Marcinho, incentivando-o com a mão a acompanhá-lo. Marcinho atende ao pedido e se põe também a cantar, exalando o prazer e a inveja de ser um campeão.)*
- CORO De amor e de esperança à terra desce, / Se em teu formoso céu risonho e límpido / A imagem do cruzeiro resplandece...
- MARCINHO *(Implora.)* - Vamos chorar, campeão!
- WESCLEY Pra já, doutor kaufmann
- MARCINHO Pelo nosso país! *(A luz vai diminuindo.)*
- WESCLEY Pelo Brasil!
- CORO Gigante pela própria natureza, / És belo, és forte, impávido colosso / E o teu futuro espelha essa grandeza / Terra adorada...
- MARCINHO Eu estou chorando, Wescley!
- WESCLEY Eu também, doutor Kaufamann!
- MARCINHO Vamos chorar mais, campeão!
- WESCLEY Vamos, doutor Kaufmann!
- CORO Entre outras mil / És tu Brasil / Ó pátria amada, / Dos filhos, deste solo / És mãe gentil, / Pátria Amada Brasil!
- MARCINHO *(Ambos param e pulam de sua respectiva plataforma. Marcinho tira algo do bolso. Sério.)* - As passagens pra Brasília. Já ia me esquecendo! *(Entrega as passagens.)*

Sexta-feira, sete horas em ponto, no aeroporto. Vou estar lá esperando. A cerimônia começa às onze horas. Em ponto! *(Saindo, volta-se.)* Adorei o ouro, campeão! Amarelo como o nosso sol!

WESCLEY Amarelo e redondo, doutor Kaufmann!

#### CENA XIV

*(Na sala da casa de Wesley.)*

SHIRLEY Alô! Alô! Doutora Vânia? *(Consulta o visor do celular para ver se está tudo oquei.)* Alô... *(Alegra-se.)* Patroa! *(Fala baixo, em tom de segredo.)* Patroa, não deu certo. *(Pausa.)* O menino não fez gol. Empurrei ele com bola e tudo pra dentro do gol, nem assim. Ele foi, a bola ficou! *(Braba.)* Eu estou calma. Só não sei mais o que fazer! *(Pausa.)* Mas eu pinteí a bola. De azul, de amarelo, verde, nada. Só chuta pra fora. *(Pausa.)* Eu acho que ele nunca chutou o hino! *(Confusa.)* Hino não, a bola! *(Justificando-se.)* A televisão está me atrapalhando. *(Nervosa.)* Como é que eu vou ficar calma? Ele vai fazer um teste no Flamengo, sexta-feira, às onze horas da manhã, lá no Palácio do Planalto. *(Apressa-se.)* Não! Palácio do Planalto não! Estou ficando maluca! Só um momentinho, doutora Vânia, deixa eu desligar a televisão. *(Finge que desliga, mas não há televisão nenhuma.)* O sonho dele é jogar no Flamengo. Imagina! O teste da vida dele! *(Pausa. Escutando atentamente.)* Sim. *(Pausa rápida.)* Sim! Já tentei. *(Pausa.)* Falar? Falar o quê? *(Pausa.)* A coisa mais difícil é colocar ele pra falar, doutora Vânia. Ele não fala, ele resmunga. *(Pausa.)* Eu sei que falar é bom. Desencana! *(Pausa.)* Divã? O que é isso? *(Pausa. Maliciosa.)* Ah, sim! Uma cama. *(Pausa.)* Ah, quase uma cama. *(Pausa. Desconfiada.)* Fazer o que com ele na cama, doutora Vânia...? *(Pausa. Ri. Censurando.)* Patroinhaa...! Esse psicólogo da senhora não presta. *(Ri. Pausa. Maliciosa.)* Sério! O psicólogo acha que ele é virgem! Por isso não faz

o gol. *(Pausa.)* Patroa, a senhora sabe que eu já pensei nisso. Esse menino é virgem. Mas olha só! *(Animada.)* Deixa comigo, que eu vou descobrir. *(Pausa.)* Mas eu não preciso ficar deitada, só ele. *(Pausa. Aliviada)* Ah, bom! *(Pausa. Em tom de censura.)* Patroa, para de safadeza, a coisa é séria! *(Pausa. Ri.)* Pode falar besteira, patroa, eu adoro! *(Pausa. Admirada.)* Sério, a senhora conseguiu! Sem arranhar? *(Ouve)* Só um pouco. *(Ouve. Interessada.)* E o patrãozinho? Ficou feliz? *(Pausa. Insinuativa.)* A senhora vai me contar isso tudo direitinho... *(Falsa censura.)* Patroinha, patroinha! *(Assusta-se.)* Ele está chegando! Como assim quem? *(Em tom de segredo.)* O menino, patroa. Depois a gente conversa mais! *(Wescley entra, ela desliga o celular.)*

## CENA XV

*(Ainda na sala da casa de Wescley.)*

- SHIRLEY *(Vendo Wescley entrar, agitada.)* - Bom que o senhor chegou. *(Em tom de ordem.)* Vamos pra cama.
- WESCLEY *(Estranhando a abordagem.)* - Que porra é essa, Shirley, tá maluca?
- SHIRLEY Deixa comigo, eu sei o que eu estou fazendo.
- WESCLEY *(Afastando-se.)* - Você esta me convidando pra ir pra cama?
- SHIRLEY *(Posiciona-se.)* - Pra conversar.
- WESCLEY Na cama?
- SHIRLEY Deitado.
- WESCLEY Nós dois?
- SHIRLEY Só o senhor.

- WESCLEY E você?
- SHIRLEY Eu vou ficar em pé.
- WESCLEY E aí! Só isso?
- SHIRLEY *(Começa a investigar, afinal, ela quer descobrir se ele é virgem, por que, se for, o problema estará resolvido.)* - Por quê? O senhor quer mais alguma coisa?
- WESCLEY Por que não podemos conversar aqui.
- SHIRLEY Aqui não tem cama.
- WESCLEY Mas tem que ser na cama?
- SHIRLEY Tem, por que é assim que funciona. Enquanto a gente conversa, um não pode olhar pro outro. O senhor fica deitado, olhando pro teto.
- WESCLEY Olhando pro teto, Shirley?
- SHIRLEY Quanto mais o senhor olhar pro teto, mais o senhor vai falar, mais o senhor vai liberar essa coisa ruim do trauma. É ele que causa o bloqueio. O tal do trauma da infância. Pergunta pro *(Pronuncia de forma literal.)* Freud, foi ele que descobriu, o senhor não sabia não?
- WESCLEY *(Corrige, pronunciando corretamente.)* - Freud, Shirley, com “oi” aberto.
- SHIRLEY Se for assim, em vez de pronunciar Creuza, eu vou ter que pronunciar Croiza! *(Grita.)* Ô, dona Croiza! Não está certo. *(Braba.)* Então, pra mim, patrãozinho, é Freud.
- WESCLEY *(Reage, nervoso.)* – Eu não sou o patrãozinho. O Patrãozinho é o outro, o iodo! E não vou ficar conversando na cama. Lá não é lugar pra isso.
- SHIRLEY E o senhor quer fazer o que na cama?
- WESCLEY *(Espanta-se com a pergunta da Shirley.)* - Eu? Nada. Por quê? Você está pensando em fazer o que na cama?

- SHIRLEY           Eu? Bem... Nada.
- WESCLEY           Ótimo. Então ninguém precisa ir pra cama.
- SHIRLEY           Está bem, não precisa ficar nervoso. Espera aí. *(Sai e logo volta, trazendo um pequeno tapete.)* O senhor vai deitar aqui na sala.
- WESCLEY           Nesse chão duro!
- SHIRLEY           Eu já volto. *(Saindo novamente, logo retornando com um travesseiro, colocando-o na cabeceira do tapete.)* Pronto, agora ficou melhor. *(Pausa. Olha para Wescley, esperando a reação dele.)* Deita. *(Vendo que Wescley vacila, provoca.)* Hoje é quarta-feira. Daqui a dois dias o senhor vai cantar pro presidente...
- WESCLEY           Não precisa me torturar.
- SHIRLEY           Então, deita! *(Cedendo, Wescley deita sobre o tapete. Cruza os braços sobre o tórax e fica quieto. Shirley, em pé, de costas, espera.)* Não vai falar nada não?
- WESCLEY           Eu não tenho nada pra falar.
- SHIRLEY           Se não falar, não vai adiantar nada.
- WESCLEY           Fala você.
- SHIRLEY           Quem está doente é o senhor.
- WESCLEY           *(Um tanto agressivo.)* - Eu não estou doente!
- SHIRLEY           Então por que o senhor não canta o hino?
- WESCLEY           Por que eu não quero!
- SHIRLEY           Então fala por que o senhor não quer.
- WESCLEY           Eu não tenho nada pra falar.
- SHIRLEY           Sua infância.
- WESCLEY           *(Na defensiva.)* - O que é que tem a minha infância?

SHIRLEY A minha patroa disse que o Freud disse que as coisas ruins acontecem na infância.

WESCLEY A merda com seu Freud! Deixa a minha infância em paz! Minha vida sempre foi boa. Eu comia iogurte, eu assistia Rei Leão...

SHIRLEY (*Interrompendo.*) - Sozinho?

WESCLEY Sozinho o quê?

SHIRLEY O senhor assistia Rei Leão sozinho?

WESCLEY Eu não tinha irmão.

SHIRLEY Nem amigo?

WESCLEY Só na escola.

SHIRLEY E amiga?

WESCLEY Só na escola.

SHIRLEY E vizinha?

WESCLEY Tinha os vizinhos, lógico.

SHIRLEY Meninas?

WESCLEY Meninos também. Mas eu não gostava muito deles.

SHIRLEY E das meninas? (*Pausa. Insiste.*) Gostava das meninas?

WESCLEY Não me lembro.

SHIRLEY O senhor brincava com elas?

WESCLEY Lógico que não!

SHIRLEY Por que não?

WESCLEY Não sei.

SHIRLEY Eu brincava com meninos. E dava uns pegas neles. O senhor entende o que eu estou falando...

- WESCLEY Não entendo. O que é que você está querendo dizer com isso?
- SHIRLEY E aquela sua namorada? O senhor terminou com ela?
- WESCLEY Que namorada?
- SHIRLEY O senhor me disse que tinha uma namorada.
- WESCLEY (*Levanta-se, súbito.*) - Eu nunca disse pra você que eu tinha namorada!
- SHIRLEY (*Foge.*) - Não olha pra mim! Só me responde.
- WESCLEY Não quero responder, cansei.
- SHIRLEY Qual foi a última namorada que o senhor teve?
- WESCLEY Shirley, você está de costas pra mim!
- SHIRLEY O senhor está deitado no divã, olha pro teto.
- WESCLEY Isso é um tapete. E eu não estou mais deitado.
- SHIRLEY Imagina as coisas, chefinho. Será que o senhor não consegue imaginar? Qual foi sua última namorada? (*Pausa.*) Então me responde. O senhor já teve namorada?
- WESCLEY Eu treino muito, viajo muito, não tenho tempo pra namorar.
- SHIRLEY E como é que o senhor faz?
- WESCLEY Faço o que, Shirley?
- SHIRLEY O senhor é homem?
- WESCLEY (*Tenta encará-la de frente, mas ela se vira de costas novamente.*) - Você está perguntando ou está afirmando?
- SHIRLEY (*Nervosa.*) - O senhor devia continuar deitado. Senão não vai dar certo.
- WESCLEY (*Tenta encará-la e consegue.*) - O que é que você está querendo saber?

- SHIRLEY *(Afasta-se, mas encarando-o.)* - O senhor é virgem!?
- WESCLEY Ra-rá! Então é isso! Eu não canto o hino porque eu sou virgem!
- SHIRLEY Eu juro que eu guardo segredo.
- WESCLEY *(Irônico.)* - Só pode contar pra patroa.
- SHIRLEY O menino é que é virgem.
- WESCLEY Exatamente! A mãe do menino é puta de posto de gasolina, o menino sofre com isso, então não consegue colocar a bola dentro do gol. O diagnóstico está pronto. Bloqueio sexo-esportivo!
- SHIRLEY Eu estou aqui pra ajudar.
- WESCLEY E se eu disser que eu sou virgem? Como é que você vai me ajudar?
- SHIRLEY Então o senhor é.
- WESCLEY É pra isso que você está aqui, fazendo essa ceninha toda. Pra saber se eu sou virgem? Some da minha frente! *(Tentando cortar a fala da Shirley.)* Não quero ouvir mais nada!
- SHIRLEY Se o senhor precisar que eu me deite com o senhor, eu me deito. Só pedir!
- WESCLEY Eu não quero você na minha cama, de pernas abertas. Sabe por quê? Por que eu não quero mais uma vagabunda no meu caminho. Fora! *(Vendo que Shirley reluta, empurra-a.)* Eu já disse, fora! Desaparece! *(Saindo.)*
- SHIRLEY O senhor não sabe o que está dizendo.
- WESCLEY *(Saindo atrás de Shirley.)* - Fora!
- SHIRLEY *(Fora.)* - O senhor está nervoso...
- WESCLEY Já disse, fora!

## CENA XVI

*(Na garagem.)*

HORÁCIO Te pegaram, atleta de tristíssimo rendimento, te pegaram! *(Sem entrar, atira o jornal).* Pensa que engana o português? Ele já sabia que o sabiá não sabia cantar! Veja aí a notícia fresquinha... *(Pausa.)* Sabiá! Cadê você? Perdeu o bico? Pelo jeito já sabe que te enfiaram a má notícia no rabo! Agora tu não engana mais ninguém! *(Pausa.)* Como é que um atleta não consegue cantar o hino do seu país? Nunca vi coisa igual. E olha que eu já vi muita coisa ruim nesse mundo. Vergonha! Pois mesmo tendo nascido na bela terra de Portugal, é o que eu sinto, vergonha! Como se fosse um brasileiro! *(Saindo. Ao longe.)* Não quer falar com o português, não fala. Português não vai mais trazer jornal! Se quiser, vai lá na banca buscar! Vergonha!

## CENA XVII

*(Na sala da casa de Wescley.)*

MARCINHO *(Entra, trazendo à mão um jornal. Está agitado.)* - Campeão! *(Vai até a porta que dá para os quartos.)* Campeão, cadê você? *(Pausa. Volta-se.)* Que merda. Não está na garagem, não está em casa, onde foi que se meteu esse filho da puta! *(Sai para a cozinha, retorna.)* Wescley Santos, eu sei que você está em casa. Eu quero ver você cantar o hino. Na minha frente. No pódio! *(Gira, à procura.)* Porra, aqui não tem pódio. *(Wescley entra, vindo do quarto.)* Não está treinando por quê?

WESCLEY É cedo ainda.

- MARCINHO São quase dez horas da manhã.
- WESCLEY Não dormi bem essa noite.
- MARCINHO (*Brande o jornal.*) - Então é verdade o que está escrito aqui, que faz cinco dias que você não treina?
- WESCLEY Que porra é essa que o senhor está falando que eu não estou entendendo nada?
- MARCINHO Cadê aquele jornalista português filho da puta? Vai me dizer que você não leu os jornais.
- WESCLEY (*Usa o cinismo para esconder o medo.*) - Acabei de acordar, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Vamos lá pra garagem, eu quero ver você cantar o hino.
- WESCLEY O senhor está achando que eu não consigo cantar o hino?
- MARCINHO (*Exaltado.*) - No ouro, não! (*Apresentando o jornal.*) Leia! (*Wescley pega o jornal e se põe a ler. Marcinho está inconformado.*) Bem agora que as estatísticas te dão noventa e nove por cento de chance de ganhar o ouro, você me apronta essa...
- WESCLEY (*Quase agressivo.*) - Eu posso ler?
- MARCINHO Você queria ser jogador de futebol, é verdade?
- WESCLEY (*Desconcertado, começando a cair a ficha.*) - Jogador de futebol... Como assim?
- MARCINHO Desistiu porque não conseguia fazer gol, não é isso? Mas nem debaixo das traves, campeão?
- WESCLEY Eu nunca quis ser jogador de futebol.
- MARCINHO (*Reparando, incrédulo.*) - Você não tem as pernas tortas.
- WESCLEY (*Grita.*) - Shirley filha da puta!
- MARCINHO Quem é Shirley?

- WESCLEY *(Caindo na real, disfarça.)* - Minha cachorra. Uma viralata. Fez cocô na cozinha e se escondeu. Ela sempre se esconde quando faz merda.
- MARCINHO Eu não sabia que você tinha uma cachorra.
- WESCLEY Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. Ter aceito aquela cadela dentro de casa. Faz merda pra tudo quanto é lado, late o dia inteiro. Não aguento mais ouvir tanta falação! Nunca traga uma cadela pra dentro da sua casa, doutor Kaufmann. *(Para, olha atordoado para Marcinho.)* O senhor já teve cadela?
- MARCINHO *(Desconfiado.)* - Que conversa é essa, campeão? Está querendo me enrolar?
- WESCLEY Estão dizendo que eu tenho as pernas tortas. Olha pra mim. Eu tenho as pernas tortas? Não tenho. Está vendo como é tudo mentira. Como é que eu vou ganhar o ouro com pernas tortas? *(Decidido, desafia.)* Quer que eu cante o hino agora?
- MARCINHO Vamos lá pra garagem.
- WESCLEY *(Apressa-se, com a intenção de enrolar.)* - Primeiro um cafezinho. O senhor aceita um cafezinho?
- MARCINHO Porra, campeão, eu vim aqui pra ver você cantar o hino!
- WESCLEY Eu estou oferecendo um café, doutor Kaufmann.
- MARCINHO *(Grosseiro.)* - Eu não quero tomar café.
- WESCLEY *(Descontrola-se.)* - Com a minha avó o senhor tomou!
- MARCINHO Que foi, campeão, está me estranhando?
- WESCLEY Repete aqui pra mim o que foi que o senhor disse pra minha avó.
- MARCINHO E lá eu me lembro o que foi que eu disse pra sua avó.
- WESCLEY Foi minha avó que me levou pra ONG, não foi a minha vizinha. Eu nunca disse pro senhor que tinha sido a vizinha! *(Transtornado.)* Foi a minha avó que me levou pra ser atleta!

- MARCINHO Mudei um pouco a conversa, só isso.
- WESCLEY O senhor mentiu!
- MARCINHO Menti! Qual o problema? Sua avó é uma chata, ruim de conversa. Foi preciso deixar ela com raiva de você, só assim ela abriu a boca, vomitou a podridão familiar.
- WESCLEY *(Não esconde a dor.)* - Ela está magoada comigo!
- MARCINHO Campeão, cai na real. *(Voz dura.)* Se dependesse da sua avó, você seria um vendedor de bananas.
- WESCLEY Eu sou o que eu sou por causa dela! *(Transtornado.)* Foi ela que me levou pra ONG!
- MARCINHO Foda-se sua avó! O que me interessa é que amanhã você vai cantar o hino pro Presidente da República. Em cima do pódio, mão no peito, chorando! *(Pausa. Mantendo o tom duro, quase inaudível.)* Movi o mundo pra te levar pra Brasília. Fui eu que provei pra eles, utilizando a propedêutica estatístico-absoluta, que você é o atleta mais perfeito que o Brasil produziu depois de Pelé. Que o presidente não pagaria mico te recebendo no Palácio do Planalto. *(Pausa.)* Eu não estou aqui pra brincadeiras. É a política que manda. É ela que faz o jogo. Será a oportunidade pro Presidente mostrar pra nação que ele acredita no atleta brasileiro. O nosso Presidente é que importa, campeão! *(Recompõe-se, querendo sair. Tom duro.)* Vamos lá tirar isso a limpo.
- WESCLEY *(A plenos pulmões, desesperado.)* - Ouviram do Ipiranga...
- MARCINHO Na garagem!
- WESCLEY Eu só canto se for aqui! *(Continua.)* De um povo heroico...
- MARCINHO *(Recua ante a agressividade de Wesley.)* - Campeão, o que é que está acontecendo?
- WESCLEY Eu canto o hino onde eu quiser!
- MARCINHO Aqui não tem pódio.

WESCLEY (*Afronta Marcinho.*) - O quê? Vai me obrigar ir pra garagem? Se eu quiser, eu canto! Se eu não quiser, eu não canto.

MARCINHO (*Assustado.*) - Você está querendo me foder, campeão? (*Tenta mudar de tática, agora se fazendo de coitadinho.*) Campeão... Eu joguei todo o meu prestígio em você. O Presidente vai estar diante das câmeras... (*Implorando.*) Se você não cantar o hino, o que vai ser de mim? Será o meu fim!

WESCLEY (*Afrontando os jornais.*) - Eu tenho as pernas tortas?

MARCINHO (*Tentando manter o domínio da situação.*) - Tudo bem, os jornais se enganaram. Às vezes, eles também erram! Campeão... eu só preciso que você cante o hino. Eu adoro ouvir você cantar... (*Apressa.*) Está bem. Não quer cantar na garagem não canta. Pra que brigarmos? (*Olha em volta, está agitado. Sai para a cozinha, continua falando, para manter o controle da situação.*) Às vezes, os jornais se enganam, é normal. (*Volta de mãos vazias, vê as cadeiras, coloca uma delas em frente à mesa.*) Vamos logo acabar de vez com essa confusão. Você tem que cantar o hino, você é o nosso sabiá. Nosso futuro e já consagrado campeão! (*Para, volta-se para Wesley.*) Se você conseguir fazer o Presidente da República derramar nem que seja uma lagriminha invisível, sabe o que vai acontecer? (*Sai para a garagem. Volta trazendo um dos fardos de jornal e coloca-o ao lado da cadeira, enquanto continua a falar.*) Sabe o que vai acontecer se o presidente chorar? As minhas chances de conquistar a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro, num futuro não tão distante, serão excelentes! É o jogo político, campeão! Se não for a presidência, que seja a vice-presidência, já é meio caminho andado pra eu chegar no topo. (*Olha em volta, como se procurasse por algo. Sai para a cozinha e volta com uma panela larga e chata e a coloca do outro lado da cadeira, completando o pódio.*) O que é que você vai fazer da vida depois que deixar as pistas? Mesmo sendo um campeão olímpico, sua vida não será fácil. O Brasil não vai te sustentar. O máximo que você vai fazer com a medalha de ouro é pendurar ela na parede! (*Em tom de cumplicidade, se aproxima de Wesley.*) Mas eu vou poder te ajudar. Como

presidente, vou poder te arranjar uma boquinha...!

- WESCLEY *(Fingindo desinteresse.)* - Boquinha, doutor Kaufmann...?
- MARCINHO Mas pra isso você tem que cantar o hino. *(Solene.)* Eu nunca apertei a mão de um Presidente da República. Amanhã eu quero apertar, mas como um vencedor! *(Eufórico)* E você vencerá comigo!
- WESCLEY Mas que boquinha, doutor Kaufmann?
- MARCINHO *(Em tom de ordem, bate na cadeira.)* - Aqui é o ouro. Sobe! *(Lembrando-se de algo importante.)* A bandeira! Estamos esquecendo a bandeira. *(Sai para a garagem, logo volta.)* Cadê a bandeira do Brasil? *(Aagitado, sai para a cozinha.)* A bandeira, campeão!
- WESCLEY *(Sai para garagem, logo volta.)* - A bandeira sumiu, doutor Kaufmann! *(Sai para o quarto, volta de mãos vazias.)*
- MARCINHO *(Voltando da cozinha.)* - Como é que você some com a bandeira, campeão?
- WESCLEY E agora? Como é que eu vou cantar o hino?
- MARCINHO *(Sai para a garagem, volta com a bandeira americana.)* - Bandeira é bandeira, temos que respeitar. *(Vai até a cozinha, volta trazendo uma vassoura. Escora a bandeira americana na vassoura, junto à mesa.)* Que seja também com todo respeito, como se nossa fosse! *(Apontando a cadeira.)* Campeão!
- WESCLEY *(Sobe na cadeira. Está tranquilo.)* - Posso começar?
- MARCINHO *(Em tom ameaçador, tomado de extrema ansiedade.)* - Escuta o que eu vou te dizer. Se você não cantar o hino, está decidido, o Comitê já decidiu! Você será cortado da delegação. *(Rude.)* Cantando, você serve pra nós. Não cantando, fora!
- WESCLEY Eu não tenho mais nada pra provar, doutor Kaufmann!
- MARCINHO De fato você já provou pras estatísticas que é um futuro vencedor. Mas sem hino não há estatística. Sem estatística,

não há campeão. Portanto, não existe campeão sem hino. Portanto, prove pra mim, agora, que você canta o hino no pódio do ouro.

WESCLEY *(Vai no embalo.)* - Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante, / E o sol da liberdade, em raios fúlgidos, / Brilhou no céu da pátria nesse instante / Se o penhor, dessa igualdade...

MARCINHO *(Comovido, interrompe.)* - Pode parar! *(Engole uma lágrima.)* Pode parar... Magnífico! É isso aí! *(Em tom declamatório, tocando Wesley.)* Faça a sua parte e eu nunca vou esquecer de você! O seu cargo de diretor vai estar reservado. Fui claro?

WESCLEY *(Descendo do pódio.)* - Claríssimo, doutor Kaufmann!

MARCINHO Me dê aqui um abraço. *(Respira fundo, abraça Wesley.)* Vejo você amanhã, naquele seu terninho impecável. *(Sorri, está autoconfiante. Vaticina.)* Campeão, eu vou ajudar você a arranjar uma bela namorada. Ser virgem não é uma vergonha. Pode até ser uma virtude. Vamos explorar isso na mídia, por que não?

### CENA XVIII

*(Na sala da casa de Wesley. Ele está sentado, absorto.)*

WESCLEY *(Shirley entra, esbaforida, trazendo à mão a bandeira do Brasil. Vendo a bandeira, levanta-se.)* - Então foi você que sumiu com a minha bandeira!

SHIRLEY Levei pra benzer.

WESCLEY Sem me pedir?

SHIRLEY O senhor também está precisando de uma benzedeira.

- WESCLEY Quem precisa se benzer é você, sua cara de pau! Depois de tudo que fez, ainda tem a coragem de entrar na minha casa!
- SHIRLEY Meu Deus, chefinho, o senhor está pálido!
- WESCLEY Você acabou com tudo, Shirley! Agora todo mundo já sabe que eu sou um bosta de atleta que treina o hino oito horas por dia pra nada!
- SHIRLEY (*Impressionada, em tom de censura.*) - Mas quem é que anda dizendo essas coisas?
- WESCLEY Esqueci! Você não lê jornal. (*Tenso.*) Os jornais estão dizendo que o atleta de altíssimo rendimento, esse é o termo que eles usam pra me ironizar, o nosso atleta de altíssimo rendimento não consegue cantar o hino do país que ele vai representar, que ele só consegue cantar o hino americano, eu não canto o hino americano, eu nem sei como é cantar o hino americano, que eu só consigo chorar quando eu canto o hino argentino, eu nem sei que porra é o hino argentino, e que, resumindo, eu não consigo cantar o hino porque eu tenho as pernas tortas! Shirley, qual foi o idiota que acreditou em você?
- SHIRLEY Eu disse isso tudo?
- WESCLEY É só o começo!
- SHIRLEY Juro por Deus Nossa Senhora do Perpétuo Arrependimento que eu nunca disse essas coisas, juro pelos meus cinco dedos da mão esquerda...
- WESCLEY (*Interrompe Shirley.*) - Cala a boca! (*Muda o tom, contido e ríspido.*) Depois desta conversa que eu vou ter com você, mas que não é conversa porra nenhuma, porque eu estou falando com um ser humano que não é humano, porque mesmo sendo uma empregadinha doméstica, você devia conhecer as regras mínimas de convivência entre seres humanos que há milhares de anos tentam ser decentes, mas você não conhece porra de regra nenhuma!, então eu não quero conversar com você, a única coisa que eu quero é que você suma da minha frente, e assim que você sumir da minha frente, eu vou ligar pro Comitê e vou dizer pra eles que eu

não vou cantar o hino pra porra do meu presidente porra nenhuma, porque eu não sei quem eu sou, talvez eu quisesse ser um alemão da Bavária, mas a bosta do destino me fez ser um cocozinho verde-amarelo, e um cocozinho verde-amarelo dificilmente tem a honra de carregar no peito uma medalha de ouro que daria alegria a uma pátria amada, que não é amada porra nenhuma, então não merece que eu vá ao Palácio do Planalto honrar a pátria que quer ser amada! Fui claro? (*Dramático.*) E está decidido! Vou cortar o mal pela raiz. Vou comunicar ao Comitê que estarei me desligando da delegação, que não irei embarcar pras olimpíadas, que vou voltar pra Andaraí e chorar no colo da minha avó, onde eu sempre chorei, e depois vou montar uma barraca e vou vender cocaína na zona sul. (*Desespera-se.*) Não! Cocaína não! Deus que me livre de tamanha ousadia. Vou vender banana. Banana e tomate! Não! Só tomate. Você, nessa sua sabedoria de diarista semanal, não é você que diz que temos que fazer aquilo que gostamos? Eu gosto de tomate. Então, eu vou montar uma barraquinha pra vender tomates!

- SHIRLEY            Se o senhor cantasse o hino, nada disso estaria acontecendo.
- WESCLEY           (*Irrita-se.*) - A culpa é sua, que não consegue fechar essa boca de fofqueira!
- SHIRLEY            Eu não disse nada pra ninguém.
- WESCLEY            Como não? Você era a única que sabia do meu problema.
- SHIRLEY            O patrãozinho queria conhecer o menino.
- WESCLEY            O iodo!
- SHIRLEY            (*Nervosa.*) - Ele queria pagar um psicólogo pra ele. Em troca, o menino assinaria um contrato.
- WESCLEY            Eu sabia! Você não passava iodo nas costas daquele safado à toa!
- SHIRLEY            (*Na defensiva.*) - Eu contei só um pedacinho, eu juro por Deus Nossa Senhora...
- WESCLEY            (*Interrompe.*) - Contou que eu não cantava o hino.

- SHIRLEY            Isso eu não contei não.
- WESCLEY            E por que saiu nos jornais?
- SHIRLEY            Eu só conversei com a patroinha. E só um pouquinho. Eu disse. Patroinha, não deixa o patrãozinho procurar o menino. Esse menino não existe! Foi só o que eu disse.
- WESCLEY            (*Grita.*) - Aquele desgraçado, o tal do iodo, é jornalista! Você abriu as pernas pro inimigo, Shirley!
- SHIRLEY            (*Ofendida.*) - Eu não me deitei com ele.
- WESCLEY            Santa do pau oco! Você se ofereceu pra mim, não ia se oferecer pra ele?
- SHIRLEY            E se eu me deitei com o patrãozinho, qual o problema? O corpo é meu, me deito com que eu quiser!
- WESCLEY            Quem foi que te ensinou essas porcarias, Shirley? Seu pai?
- SHIRLEY            (*Sensibilizada.*) - O senhor não tem o direito de falar assim do meu pai! Eu tinha quatro anos quando ele morreu.
- WESCLEY            E lá eu sabia que seu pai tinha morrido! (*Silêncio. Shirley tenta controlar sua dor, Wescley percebe. Incomoda-se.*) Pelo menos você tem pai. Sabe onde ele está enterrado.
- SHIRLEY            Eu não sei onde meu pai está enterrado!
- WESCLEY            (*Sensibiliza-se.*) - Como assim não sabe?
- SHIRLEY            Não sei! (*Desabafa.*) Meu pai foi enterrado debaixo de uma árvore. (*Grito sofrido.*) Cortaram a árvore! Limparam tudo, não tem mais a árvore! As terras foram vendidas, cortaram a árvore, eu perdi o meu pai! O senhor entende? Eu perdi meu pai pra sempre! (*Silêncio. Recompõe-se, voltando a ser a Shirley de sempre.*) Só que a vida continua. Temos que ser espertos, chefinho. A vida tem muitos lados. Vamos pegar o lado bom, o melhorzinho deles, e esquecer o resto. Essa é a esperteza! (*Conclusiva.*) O senhor não sabe fazer isso. O senhor não pode ser assim tão emburrado com a vida.
- WESCLEY            Você por acaso sabe o que eu penso? O que eu sinto? O que

eu sofro?

SHIRLEY Agora, nesse momento, não sei se me interessa saber.

WESCLEY Mas devia se interessar!

SHIRLEY Só porque o senhor é mais importante que eu?

WESCLEY (*Muda o tom, agitado.*) - Reconheço. Fui eu que deixei tudo isso acontecer. Eu não devia ter contado nada pra você. Eu sempre resolvi as minhas coisas sozinho. Devia ter resolvido essa também.

SHIRLEY Por que o senhor não vai lá contar seu problema pra sua avó?

WESCLEY Nem pensar!

SHIRLEY Já conversou com ela sobre o seu pai? Sua mãe...

WESCLEY (*Nervoso.*) - Minha avó não é de conversa. Ela nunca diz nada.

SHIRLEY Sua avó não gostava da sua mãe.

WESCLEY (*Exalta-se, quase agressivo.*) - Minha mãe era uma prostituta!

SHIRLEY O senhor também não gosta dela.

WESCLEY Eu queria ter uma mãe normal!

SHIRLEY Você perguntou pra sua avó quem realmente era sua mãe?

WESCLEY Eu sei quem ela era.

SHIRLEY O senhor pelo menos sente saudade dela?

WESCLEY Não.

SHIRLEY (*Indignada.*) - Mentira!

WESCLEY (*Recua.*) - Às vezes. (Pausa.) Às vezes eu penso que se eu tivesse vivido com minha mãe, as coisas teriam sido diferentes.

- SHIRLEY Por que não viveu?
- WESCLEY Eu era criança! O que é que uma criança pode fazer? Você por acaso conseguiu impedir que cortassem a árvore do seu pai?
- SHIRLEY É diferente!
- WESCLEY Você era criança, não podia fazer nada! (*Silêncio. Afasta-se, está esgotado, tenso.*) Eu lembro uma vez minha mãe ter ido lá em casa. Eu estava sentado, minha avó fazia comida. A porta do barraco estava aberta. Quando minha avó viu minha mãe, ela correu fechar a porta, minha mãe não deixou. Minha mãe segurava uma bandeja de iogurte na mão. Minha avó gritou. O que é que você está fazendo aqui? Eu vim ver o meu filho. Já viu, agora pode ir embora. Eu trouxe esse iogurte pra ele. Ele não precisa de iogurte. Mas eu quero dar pra ele. Aí minha avó pegou a bandeja de iogurte que minha mãe segurava, jogou no chão e começou a pisotear, esparramando iogurte pra todo lado. E ela dizia. Iogurte é coisa de rico! Mas eu comprei com o meu dinheiro, disse minha mãe. Esse dinheiro você recebeu de rico, dá na mesma, ainda por cima de gringo rico e nojento, seu filho não é rico, ele vai viver como pobre, mas pobre decente. Neste instante, minha mãe entrou no barraco, ela estava enfurecida, parecia uma leoa. Empurrou minha avó, me pegou no colo e sentou na banquetta. E começou a cheirar o meu cabelo. Depois levantou, me colocou com cuidado na banquetta e disse pra minha avó. Se tocar nele, eu te mato! Aí foi até o lugar onde minha avó guardava as comidas, procurava algo, ela queria me dar alguma coisa pra comer, então ela pegou um tomate, onde é que está o açúcar, perguntou pra minha avó, mas já estava procurando. Achou o açúcar, e ainda com aquele seu jeito de leoa ferida, me sentou no colo, deu o tomate pra eu morder, eu mordi, depois ela embebia a pontinha do tomate no açúcar, depois me dava pra morder e dizia pra mim, está gostoso... o iogurte? (*Voz embargada.*) Tá gostoso?
- SHIRLEY (*Silêncio. Emocionada.*) - E aí...?
- WESCLEY Eu comi o tomate todo.

- SHIRLEY (Vivaz.) - Sua mãe era apaixonada pelo seu pai! É isso!
- WESCLEY Você está maluca, minha mãe era prostituta!
- SHIRLEY Sua mãe peitou a sua avó. Por sua causa. Mulher nenhuma faz isso, se por trás desse menino que ela amava não existisse um sentimento forte, uma saudade de alguém.
- WESCLEY Ela veio me visitar, só isso.
- SHIRLEY Acorda, chefinho! Seu pai é real, como o meu! Ele existe! (Sonhadora.) O marinheiro loiro e fortão viu na beira do cais aquela mulher morena, que ele achou linda! A mulher morena viu o marinheiro loiro e fortão, que ela achou lindo. Pronto. Passaram o carnaval passeando de mãos dadas em Copacabana. Depois ele foi embora. (Exulta-se.) E o senhor ficou.
- WESCLEY Emocionante, Shirley!
- SHIRLEY A sua história não é diferente das outras! (Decidida.) O hino só está engasgado no seu peito porque o senhor não aceita a verdade! Vamos, desembucha! Tome vergonha na cara, seja homem! (Olha em volta) Meu Deus, que bagunça é essa?
- WESCLEY (Decidido, pega a bandeira e sobe na cadeira.) - Vamos ver se essa benzedeira é boa mesmo! (Levanta a bandeira com as duas mãos e começa a cantar o hino.) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico... um povo heroico... (Pula da cadeira. Agressivo.) Está feliz? Qual é a próxima? Que merda você vai inventar agora?
- SHIRLEY Primeiro o senhor tem que escolher um pai!
- WESCLEY (Irônico.) - Cara ou coroa?
- SHIRLEY Isso não é brincadeira, eu estou falando sério.
- WESCLEY O Joel é meu pai.
- SHIRLEY Tem que ser um gringo!
- WESCLEY (Irônico.) - O jornaleiro.

SHIRLEY *(Admirada.)* - O português da banca de jornal? Boa ideia, chefinho! O senhor gosta dele, não gosta? *(Wescley não responde.)* Está resolvido. Seu pai é um português de Portugal. Um belo português, com sotaque de português, com bigode de português. Agora fala, pra ficar na sua cabeça. Quem manda é a cabeça, chefinho, foi o que o Freud disse. *(Séria. Fecha os olhos.)* Fala. Meu pai é português. *(Vendo que Wescley não responde, insiste.)* Vai, chefinho, fala! Meu pai é português.

WESCLEY *(Estúpido.)* - Idiota! Burra! Chega dessa merda! Você estragou tudo! Quer estragar mais ainda? Eu nunca vou ter outra oportunidade na minha vida. Cheguei até aqui pra nada. Não é qualquer um que é convidado pra cantar o hino pro Presidente da República. Eu fui convidado! Se você não tivesse aparecido na minha vida, porra!, com certeza eu ia conseguir cantar o hino. Mas não! Você me encheu a cabeça de merda! E agora? O que é que eu faço? Me diz! O que é que eu faço? Ganhar medalha de ouro é merda. Uma medalha que você pendura na parede, só isso. Agora, eu pergunto. A medalha vai me sustentar? A medalha pendurada na parede vai me comprar um carro novo? Um apartamento na zona sul do Rio de Janeiro? Porque o meu sonho é morar na zona sul. O doutor Kaufmann mora, e ele nunca ganhou uma medalha de ouro. Shirley! Ele me prometeu um emprego se eu conseguisse fazer o Presidente da República chorar. Essa é a grande cartada! Eu preciso fazer o Presidente chorar! Nem que ele derrame uma lágrima invisível! Sabe quanto é que eu vou ganhar por isso? Sabe? *(Enfurecido.)* Não vou te dizer, porque você não tem a menor noção do que é ter muito dinheiro. Cargo importante. Assessor! Você sabe o que é ser um assessor? Diretor? Grana, idiota! Na mão! Foda-se a medalha na parede! *(Acalma-se, aproxima-se da Shirley.)* Eu nem sei se eu ainda devo te pedir ajuda. Mas olha em que situação você me colocou. Eu só tenho você. Uma merda de diarista! *(Silêncio. Caminha a esmo, volta-se para Shirley.)* Shirley, você precisa me ajudar a sair dessa. Se você me ajudar, no futuro, quando as coisas se resolverem, eu vou te contratar como empregada exclusiva! Eu faço tudo por você, tudo o que você quiser, até deixo você passar iodo em mim! *(Implorando.)* Mas pelo amor de Deus, me ajuda! Me faça

cantar essa merda de hino! Eu tenho que garantir o meu futuro, Shirley!

SHIRLEY Mas, e se o homem do Comitê não garantir?

WESCLEY Você vai ou não vai me ajudar?

SHIRLEY *(Pausa.) - Não. (Saindo.)*

WESCLEY Mas, como? *(Surpreso.)* Onde é que você está indo?

SHIRLEY *(Com raiva.) - Eu não quero passar iodo no senhor! (Sai.)*

WESCLEY *(Indo atrás da Shirley.) - Shirley, vem cá! Estou mandando! Seja razoável! Vamos conversar como duas pessoas decentes... (Grita.) Vem cá! Shirley.*

## CENA XIX

*(Palácio do Planalto, em Brasília, onze horas da manhã. Marcinho Kaufmann está ao lado do pódio montado no meio do salão. Cumprimenta efusivamente o Presidente da República, colocando-se intencionalmente a seu lado, em pose solene. Em seguida, Wesley entra, vestindo impecavelmente um terno escuro. Está nervoso, abismado com a pompa. Marcinho imediatamente o apresenta ao presidente.)*

MARCINHO Sua Excelência Senhor seu Presidente, está aqui o nosso herói!

*(Wesley cumprimenta o Presidente da República, em aperto de mãos demorado e agitado, enquanto o Presidente lhe dirige palavras amáveis. Depois, os três tiram fotos juntos, o Presidente ao meio. A comitiva está posicionada atrás do Presidente. Logo em seguida, debaixo de muita expectativa, Wesley é convidado pelo cerimonial do Planalto a subir na plataforma do ouro. Nervoso, demora-se a se ajeitar. O*

*cerimonial coloca para tocar a música do hino. Em cena paralela, vê-se Shirley, escorada na vassoura, em frente à televisão, na casa da patroa, ansiosa por ver seu chefinho cantar o hino. Está apreensiva, com medo de que Wesceley esqueça o combinado. Tanto é que, quando o cerimonial coloca a introdução do hino, Shirley faz um gesto nervoso para que Wesceley pegue algo no bolso do paletó.)*

SHIRLEY (Resmungo.) - Será que ele esqueceu... (Pausa.) O bolso, chefinho, o bolso!

*(Nesse instante, como que atendendo ao apelo da Shirley, Wesceley retira do bolso do paletó um tomate, envolve-o com a mão esquerda estendida ao longo do corpo, enquanto a direita posiciona-a junto ao peito. Começa a cantar o hino nacional, emocionado, a plenos pulmões, sem vacilar. Todos estão encantados. Marcinho põe-se a chorar, na certa, querendo induzir o Presidente ao choro. Shirley, felicíssima, bate palmas. E Wesceley segue cantando o hino e acariciando furtivamente o tomate.)*

**FIM**

Passos/MG, 10 de maio de 2014.